

---

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E  
TECNOLOGIAS**

---

**A MULHER NO FUTEBOL: O BULLYING E O CYBERBULLYING NO  
CONTEXTO DE GÊNERO**

**RENATA DE ANDRADE TEIXEIRA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

**Fev- 2016**

796.334 Teixeira, Renata Andrade  
T266m A mulher no futebol : o bullying e o cyberbullying no  
contexto de gênero / Renata Andrade Teixeira. - Rio Claro,  
2016  
63 f. : il., figs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: Carlos José Martins

1. Futebol. 2. Preconceito de gênero. 3. Relações de  
gênero. 4. Futebol feminino. 5. Tecnologias. I. Título.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por ter tornado esse sonho possível, por ter me apoiado, e também pelas horas ao telefone me aconselhando quando eu duvidava de tudo.

À minha família (Tia Dri, LH, avó Nívea, e Rodrigo), pelo amor, paciência e incentivo.

Ao meu orientador, Professor Dr. Carlos José Martins, por ter acreditado em mim quando nem eu mesma não acreditava.

Ao professor Dr. Afonso Antonio Machado, por ter me acolhido em seu laboratório, pela oportunidade de trabalhar ao seu lado, e por ser meu amigo.

Ao professor Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior pela colaboração inestimável.

Ao Cláudio, pela amizade, por todo apoio, incentivo e gentileza.

Ao Kauan, Guilherme, Renato e Vivian, por todas as tardes de trabalho, café e boas risadas no laboratório.

Aos demais amigos do LEPESPE por estarem sempre presentes

Ao meu namorado Rafael, por confiar em mim, e por todo amor nesse último ano de mestrado tão intenso para mim.

À Larissa, por ter sido minha família aqui em Rio Claro nesses anos de mestrado. Por sempre me ouvir e cuidar de mim.

A todas as amizades conquistadas em Rio Claro. Elas foram meu combustível.

Às atletas, pela disponibilidade e compartilhamento deste meu aprendizado.

Já dizia Graciliano Ramos:  
O esporte nacional não é o futebol. É a rasteira!

## RESUMO

A pesquisa teve como intuito abordar o tema gênero com enfoque especial nos assuntos relacionados à presença de mulheres no futebol. Ao nos aprofundarmos em estudos que narram a história do futebol brasileiro, raramente nos deparamos com alguma pesquisa que envolva a participação das mulheres nesse esporte e, em grande parte das vezes em que esse contexto é abordado, essas mulheres são tratadas como afrontosas a sua natureza. Dessa forma, o estudo objetivou investigar as possíveis expressões do *cyberbullying* nas relações de gênero entre atletas do sexo feminino pertencentes ao time de futsal da Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho da cidade de Rio Claro, que sejam integrantes da rede social facebook®, e os demais integrantes dessa sua rede social. O estudo buscou, ainda, comprovar e discutir a veracidade do bullying relacionado ao preconceito de gênero no âmbito do futebol feminino. Para tanto foram realizadas duas idas a campo (jogos oficiais do time) e uma entrevista, envolvendo 11 atletas. Foram observadas, durante os jogos oficiais, as manifestações das torcidas que assistias aos jogos de futsal realizados por mulheres, e dessa maneira foi possível constatar a presença do bullying, naquele ambiente, que colocavam aquelas atletas em condição de vítima desse fenômeno. As entrevistas foram enviadas as atletas na intenção de verificar se essas mulheres, igualmente, se sentiam vítimas do fenômeno cybebullying, fato que não se confirmou. Os resultados apontam que apesar de o futebol ser um espaço conferido às mulheres, é também um ambiente propício a situações que expõem o preconceito de gênero dentro da nossa sociedade, configurando a essência fenômeno bullying nesse esporte. A pesquisa problematizou sobre um possível convencionalismo existente dentro desse esporte, que atravessa as questões ligadas a esse marcador identitário, além de contribuir para uma maior visibilidade dessa questão.

Palavras-chave: Relações de Gênero; Futebol feminino; Cyberbullying; Bullying; Tecnologias.

## **ABSTRACT**

This present work was intended to address analyze the gender issue with a special focus on issues related to the presence of women in football. By delving into studies that narrate the history of Brazilian football, rarely come across some research that involves the participation of women in this sport, and most of the time in this context is addressed, these women are treated as outrageous their nature . Thus, the study aimed to investigate the possible expressions of cyberbullying in gender relations among female athletes belonging to the Universidade Estadual Paulista futsal team – Julio de Mesquita Filho city of Rio Claro, who are members of the Facebook® social network, and the other members of this social network. The study sought to also demonstrate and discuss the veracity of bullying related to gender bias in the women's game. For this there were two field trips (official matches of the team) and an interview, involving 11 athletes. They were observed during official games, demonstrations of the fans that you watched the indoor soccer games played by women, and thus we determined the presence of bullying, in that environment, that put these athletes on condition of victim of this phenomenon. Interviews were sent athletes in order to verify if these women also felt victims of cybebullying phenomenon, a fact that was not confirmed. The results show that although football is a space given to women, it is also an environment conducive to situations that expose the gender bias within our society, setting the essence bullying phenomenon in this sport. Research problematized about a possible existing conventionality in the sport, going through the issues related to this identity marker, as well as contribute to greater visibility of this issue.

**Keywords:** Gender Relations; women's football; cyberbullying; bullying; technologies

## Sumário

|  |    |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO .....  | 5  |
| 2. JUSTIFICATIVA.....  | 9  |
| 3. OBJETIVOS.....  | 11 |
| 4. REVISÃO DE LITERATURA .....                                   | 12 |
| 4.1 A chegada do futebol no brasil .....                         | 12 |
| 4.2 Futebol feminino .....                                       | 16 |
| 4.3 Gênero .....   | 24 |
| 4.4 Bullying e cyberbullying no cenário do futebol feminino..... | 27 |
| 5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....                             | 33 |
| 5.1 Natureza do Estudo.....                                      | 33 |
| 5.2 Participantes .....  | 34 |
| 5.3 Instrumento de Pesquisa .....                                | 34 |
| 5.4 Procedimento .....   | 36 |
| 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....                                  | 38 |
| 6.1 A pesquisa durante as competições .....                      | 38 |
| 6.2 Rio Claro x Marília.....                                     | 39 |
| 6.3 Rio Claro x Araçatuba .....                                  | 43 |
| 6.4 O cyberbullying sob o olhar das atletas.....                 | 45 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                    | 51 |
| 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                              | 54 |
| ANEXOS .....   | 59 |
| ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)       |    |
| 60   |    |
| ANEXO B- QUESTIONÁRIO .....                                      | 63 |





## 1. INTRODUÇÃO

Várias são as histórias que relatam a chegada do futebol no Brasil. A versão que foi assumida de forma hegemônica em nosso país para contar essa parte de nossa história, foi que esse esporte foi instituído na Inglaterra e chegou até nós, em 1894, pelas mãos de um jovem brasileiro conhecido como Charles Miller. Possivelmente essa versão foi assumida por se tratar de uma espécie de mito inaugural, que tende a causar impacto e atender às expectativas de se atribuir dia, local e pessoa aos fatos históricos conforme nossa tendência de instituir heróis. Hoje sabemos que essa narrativa já não é tão válida dentro do meio acadêmico, e a tentativa de contar a real história a respeito da inserção desse esporte em nosso país, será feita nos capítulos que seguem esse trabalho.

Conseguimos perceber que em meio a tantas modalidades esportivas disputadas no Brasil, o futebol se apresenta como a modalidade de maior preferência pela população. Na visão de Viana (2012) o futebol é um fenômeno da cultura corporal, com grande representatividade na sociedade contemporânea, e, indiscutivelmente, o esporte mais popular do Brasil. Todavia se por um lado observamos todo o prestígio desse esporte, por outro podemos observar uma desigualdade de oportunidades em relação aos gêneros que insiste em assombrar esse domínio esportivo. O futebol no Brasil se estabeleceu como um esporte essencialmente de esfera masculina, gerando “a manutenção de um cenário que deixa a mulher à margem ou como uma mera coadjuvante, legitimando as esferas do trabalho e do lazer relacionados a este esporte como domínio de homens” (SOUZA JÚNIOR e REIS, 2010, p.1).

Dentro do cenário esportivo “muitas vezes compartilhamos a ideia de que determinadas modalidades são mais apropriadas para o gênero masculino e outras para o feminino, ou pior, que as mesmas podem externalizar na prática, o ser homem e o ser mulher” (PRADO e MARTINS, 2007, p.1). De acordo com esses autores, essa visão desperta consequências que vão desde a desvalorização e a falta de apoio a algumas modalidades, como no caso do futebol quando praticado por mulheres, podendo se ampliar para implicações mais graves, como atitudes discriminatórias que motivem preconceito, intolerância e demonstração de violência.

É dentro desse contexto, pensando as mulheres como subversivas na atmosfera do futebol, que comecei a idealizar uma pesquisa que trilhasse o caminho da mulher futebolista encruzilhado com o do desenvolvimento humano e das tecnologias. Osmar Moreira de Souza Júnior, em sua tese de doutorado, conseguiu escrever de forma

pontual as inquietudes que me fizeram chegar ao meu problema de pesquisa. Nas palavras do autor: “Perceber o ambiente desafiador e resistente a presença das mulheres foi o pano de partida para essa investigação.” (SOUZA JÚNIOR, 2013, p.22).

Foi a partir desse problema que propus observar, analisar e entender as relações de gênero que circundam os espaços abarcados por esse esporte. A proposta é fazer uma avaliação das relações sociais entre atletas de futsal do sexo feminino e outros integrantes da sua rede social facebook®.

Assim, o problema de estudo da pesquisa pode ser formulado da seguinte maneira: Existe uma inter-relação entre os comportamentos violentos do *bullying* e *cyberbullying* com as representações de gênero presentes no futebol?

Dentro desse contexto, recordo como o futebol influenciou um desejo que tinha, desde o tempo da faculdade, de trabalhar com pesquisas que me aprofundasse nos estudos de gênero. Eu, como uma típica brasileira, sempre fui apaixonada por futebol. Ou ainda melhor dizendo, pelo Clube Atlético Mineiro. Talvez, por falta de influência na infância, nunca fui uma boa jogadora. Para falar a verdade, nunca cheguei nem ao menos ser uma jogadora mediana.

Porém, mesmo não sendo uma mulher que entra em campo, conseguia sentir certa discriminação quando o tentava, dentro de uma roda de homens, “discutir futebol”. É fato que isso sempre aconteceu, mas ao entrar em uma faculdade de Educação Física, onde se inclui homens e mulheres estudando igualmente um conteúdo que se pauta esse esporte, me senti surpreendida em ainda escutar a característica frase: “mulher não entende nada de futebol”.

Esses acontecimentos me levaram a uma promessa: eu estudaria futebol. Eu mostraria para aqueles meninos que mulheres podem entender sobre esse esporte tanto quanto, ou ainda mais, que qualquer homem naquela sala. Os meus estudos sobre o futebol se entrelaçaram aos meus estudos sobre as questões de gênero, e desse entrelaçamento surgiu a ideia de me aprofundar nessa pesquisa.

A pesquisa foi pensada de maneira a problematizar certas questões para então poder desnaturalizá-las. Quando falamos em estudos de gêneros é preciso pensar em identidades que são construídas por meio de vivências sociais e culturais. Ninguém se descobre masculino ou feminino, e sim constrói uma identidade feminina ou masculina que não é imutável. Esses sujeitos devem construir suas experiências, e não serem obrigados a participarem de conceitos e lugares já enraizados. As formas de resistência

criam novos pensamentos, novas maneiras de se pensar que antes pareceriam impossíveis.

Foucault articulou certa vez, durante uma entrevista: “um sistema de repressão apenas se torna verdadeiramente intolerável quando os indivíduos que são submissos a esse sistema não têm mais os meios de modificá-los” (BOSWEL, 1980, p.8). Dessa forma, esse estudo esperou se desenvolver de maneira a ser mais uma forma de tornar o sistema mais incluso e tangível.

O futebol pode ser entendido como uma instituição disciplinadora, pois “no futebol, a vigilância classifica o atleta, seu ritmo de jogo, rendimento e sua capacidade de suportar os esforços nos treinamentos. É essa vigilância, essa disciplina que produz o jogador moderno nos clubes” (RODRIGUES, 2004, p.267).

A noção de poder disciplinar de Foucault, que se remete a formas de controle social, me conduziu para a Teoria do Processo Civilizador de Norbert Elias (1992). “Elias se preocupou com a evolução dos esportes, vendo nesta uma dimensão do processo civilizador. A introdução de normas amenizou a violência nos esportes, controlando impulsos, sublimando desejos e criando condutas em conformidade com as regras” (RODRIGUES, 2004, p.268).

Assumindo então a essência da violência dentro do futebol, o estudo tomou por violência, os fenômenos do bullying e cyberbullying presentes nesse esporte, e gênero, a categoria social de análise.

Esse trabalho pretende dar uma contribuição teórica e empírica a respeito das questões que relacionam o *bullying* e o *cyberbullying*, as questões relacionadas às desigualdades de gênero no futebol, além de colaborar para uma maior visibilidade dessa questão. Em verdade não será feita apenas uma pesquisa a respeito da questão sem que esse seja constantemente problematizado.

Pesquisar sobre o tema e problematizá-lo é uma maneira de não ignorar as razões sociais que geram a violência, além de contribuir na tentativa de modificar as raízes de sua existência. Quando deixamos de trazer tais reflexões em nossas pesquisas, contribuimos para que as ações frente às barbáries se “coisifiquem”, “assemelhando-se a educação típica da sociedade administrada, que impõe modos de ser e agir, tornando a reflexão desnecessária e improdutiva.” (BATISTA, 2011, p.5).

Dessa maneira, a pesquisa não possui apenas o intuito de reconhecer as causas da possível violência estudada, já imaginadas essas origens possivelmente como

culturais, políticas, econômicas e sociais. A pesquisa possui o intuito de analisar e interpretar esses fatores.

Compreender esse problema exige perpassar as relações de poder existentes no âmbito do futebol. Exige um olhar atento para as diferenças de gênero que atravessam o ambiente esportivo, influenciado por nossa cultura e sociedade, na construção de nossas identidades.

O trabalho se desenvolveu como um estudo netnográfico e de cunho qualitativo. Esse estudo está situado no campo de estudo de gêneros.

## 2. JUSTIFICATIVA

Goellner (2001) em seu trabalho diz, não sobre a escassez de trabalhos envolvendo o tema “gênero e educação física”, porém a autora busca fazer uma reflexão sobre se tais trabalhos publicados até o momento, envolvendo a temática, conseguiram realmente levar a uma reflexão rigorosa do problema. Para a autora, a maioria das pesquisas produzidas envolvendo o tema “gênero” caiu em equívocos conceituais e em uma apropriação inadequada do termo. Por isso há necessidade que se façam estudos e pesquisas que problematizam essa questão e que discutam esse tema.

No esporte e nos estudos sobre o esporte, os homens estão mais presentes que as mulheres, mas isso não significa dizer que as mulheres não fazem parte desse universo. Podemos encontrar diversos estudos que relacionam mulheres e esporte, porém na grande maioria desses estudos, as mulheres ocupam um lugar secundário na prática esportiva, pois são analisadas enquanto torcedoras, mães, irmãs, articulistas e até mesmo prostitutas, enquanto os homens ocupam o espaço de praticante esportivo. (SILVEIRA, 2008). Porém, na atualidade são mais comuns estudos que procuram dar visibilidade para o protagonismo das mulheres no campo esportivo. Ainda assim, sendo o esporte uma prática social generificada, pode-se considerar sua significativa reserva masculina.

A importância do estudo visa ampliar as discussões acerca do tema em questão, podendo servir de subsídio para reflexões de educadores, atletas, técnicos e a sociedade em geral de modo a enfraquecer as relações hierárquicas de gênero, localizadas dentro do futebol feminino brasileiro, para que assim esse esporte não seja mais um reprodutor de performatividades sexuais socialmente construídos.

O bullying dentro das práticas esportivas, principalmente no que diz respeito à área da educação física escolar, já foi discutido por diversos autores como OLIVEIRA, Flávia Fernandes de; VOTRE, Sebastião José (2007) e MELIM, Fernando Marcelo Ornelas; PEREIRA, Beatriz Oliveira (2013). O estudo de Morão et. al. (2011) afirma que o bullying é uma prática real no universo do futebol especificamente, e que é uma prática que pode causar desde o desconforto do jogador, até ao abandono precoce por parte do atleta, que seja vítima desse feito. Os autores alegam que embora o bullying seja mais estudado como fenômeno escolar, ele também pode ser encontrado no esporte com um destaque muito grande.

Quando analisamos o bullying, focalizando o gênero como categoria de análise, o caso da zagueira britânica, Casey Stoney, é um grande exemplo. A jogadora, que defendeu a Grã-Bretanha nos Jogos Olímpicos de Londres, concedeu uma entrevista afirmando ter sofrido bullying na infância por conta de sua escolha em jogar futebol.

Embora o bullying dentro das práticas esportivas seja um assunto de amplo destaque e muito estudado por diversos pesquisadores, não foi encontrado, durante as minhas pesquisas dentro da literatura, um estudo que relacionasse o bullying virtual (cyberbullying) ao futebol.

Uma justificativa para o trabalho se desenvolver dentro dos meios midiáticos é o grande alcance/interação dessas conexões. Os espaços que temos hoje, me referindo a espaço não virtual, já não nos são mais suficientes. O homem moderno não se permite mais a uma limitação espacial. Para suprir essa necessidade, são utilizados os meios de comunicação, viabilizando um novo território. Esses são donos de uma possibilidade de extensão espacial que alcança grande parte da população em um tempo, hoje, quase instantâneo. Uma das principais importâncias desse território, é que ele constitui a identidade de um grupo e ainda possibilita o estabelecimento dos vínculos partilhados por esse grupo. (CONTRERA, 2002).

Dezan (2011), em seu estudo, nos diz que, as mídias estabelecem laços estreitos com a população, exercendo influências no comportamento e na vida social dos sujeitos. Tais influências são validadas como aceitáveis e reproduzíveis e podem ou não ser positivas, de qualquer forma são importantes e absolutas, enquanto objeto de estudo e forma de manifestação cultural.

### **3. OBJETIVOS**

Investigar as possíveis expressões do bullying e do *cyberbullying* nas relações de gênero entre atletas do sexo feminino pertencentes ao time de futsal da Universidade Estadual Paulista – Julio de Mesquita Filho, que sejam integrantes da rede social facebook®, e os demais integrantes dessa sua rede social

## 4. REVISÃO DE LITERATURA

### 4.1 A CHEGADA DO FUTEBOL NO BRASIL

Quando paramos para pensar que vivemos na região considerada como o “país do futebol”, é difícil imaginarmos que no ano de 1890, essa modalidade não era nem ao menos conhecida por aqui. De acordo com Santos Neto (2002), essa era uma época em que a população alfabetizada do Brasil era restrita a elite brasileira, pois o ensino de qualidade era exclusivo aos filhos de ricos comerciantes e aos membros da aristocracia rural.

Foi nesse período que Rui Barbosa começou a defender a introdução de exercícios ao ar livre nas escolas, aconselhando “a fundação de uma Escola Normal de Ginástica, para formação de docentes, a introdução imediata de práticas esportivas nos colégios brasileiros, em horários distintos do recreio, e o incentivo pelas escolas de atividade esportivas após o período normal de aulas” (SANTOS NETO, 2002, p.15).

Sendo assim, as instituições de ensino de nosso país começaram a investigar modalidades esportivas que se enquadrassem nesse novo modelo de ensino recomendado pelo deputado Rui Barbosa. Essas instituições começaram então, a designar “embaixadores” para que fossem investigar outras escolas fora do Brasil, enviando-os para a Europa. Uma dessas instituições foi o Colégio Jesuítico São Luis, um colégio tradicional localizado na cidade de Itu-SP. Entre 1879 e 1881 os Jesuítas dessa instituição visitaram grandes colégios Europeus. Santos Neto (2002) escreve sobre essa época da história brasileira relatando, quando em um colégio Francês, os Jesuítas brasileiros, tiveram, pela primeira vez, contato com o futebol. Nas palavras do autor:

Na França, estiveram no colégio de Vannes, onde já era praticado o futebol, e lá fizeram contato com o padre Du Lac, grande defensor da introdução do futebol inglês nas escolas. A seu ver, o futebol reunia virilidade e moral na medida certa, formando jovens saudáveis e bons cidadãos. As críticas feitas contra o esporte – acusando-o de estimular a agressividade e a violência entre os rapazes -, Du Lac respondera com vários artigos, ressaltando o bom efeito esportivo, recreativo e formativo que sua prática podia trazer. (SANTOS NETO, 2002, p.18).

Recomendados pelo padre Du Lac, os jesuítas de Itu seguiram então para Inglaterra, conhecendo dessa maneira o futebol jogado na Harrow School. Ao retornarem ao Brasil, os jesuítas já traziam consigo uma bagagem considerável de conhecimento sobre o futebol, e assim as escolas conseguiram começar a se adequar ao



modelo de currículo proposto por Ruy Barbosa. É válido lembrar que os jesuítas trouxeram grandes novidades no campo da prática esportiva, não se limitando apenas ao futebol, como também os exercícios militares, ginástica alemã, corridas, salto em altura e distância, lançamento de disco e dardo, corrida com obstáculo e a barra francesa. É importante lembrar que no começo, aquele futebol jogado entre os jesuítas e seus alunos, não era o mesmo jogo que podemos vivenciar hoje. De acordo com Santos Neto (2002):

Até 1887, padres e alunos jogavam juntos. Mas não praticavam o chamado *association football*, que pressupõe a formação de dois times e a existência de um conjunto de regras, mas sim um bate bola na parede, chamado de “bate bolão”. Isso fazia parte de uma estratégia gradual de apresentação do esporte aos alunos. Em seguida, os padres introduziram duas pequenas marcas em paredes opostas do pátio e dividiram a turma em dois times, camisas verdes de um lado e camisas vermelhas do outro. O jogo passou a ter um objetivo concreto, isto é, levar a bola até a parede do time adversário e lavrar um tento fazendo-a bater no espaço delimitado pelas marcas. (SANTOS NETO, 2002, p.19).

Foi a partir desse momento, e também com a chegada, em 1894, do reitor Luis Yabar, no colégio São Luis, que o futebol começou a ser praticado mais parecidamente com o esporte que conhecemos hoje. O novo reitor era um grande conhecedor das regras do futebol. Dessa forma alunos e ex alunos do colégio foram popularizando o esporte no interior paulistano. Alguns ex alunos que saíram de Itu para algumas faculdades, como a Faculdade de Medicina de Salvador (BA), levaram o conhecimento do esporte para além do estado de São Paulo. Sobre isso, Santos Neto (2002) pontua que:

É claro que, por mais que os ex alunos do São Luis estimulassem a prática do esporte, sua dispersão pelas varias regiões e estados do Brasil a cristalização de um núcleo reconhecidamente organizado. Mesmo assim, por tudo que foi exposto ate aqui, pode-se afirmar que foi pela ação dos colégios, em geral religiosos, que o futebol entrou pela primeira vez no país. (SANTOS NETO, 2002, p.25)

Alguns pesquisadores como Borsari; Witter e Leal (apud GIAROLA, 2003) assumem outra versão para a chegada do futebol em nosso país. De acordo com esses autores, o futebol chegou ao Brasil, mais precisamente em São Paulo, no final do século XIX, e o responsável por trazer tal novidade, foi o brasileiro Charles Miller que, vindo da Inglaterra, trazia consigo o material apropriado para o esporte.

Popularmente Miller é conhecido no Brasil como o “pai do futebol”, o que leva muitas pessoas considerá-lo o responsável pelo nascimento do futebol brasileiro. Miller

estudou na Inglaterra e ao retornar para o Brasil, em 1894, trouxe consigo alguns itens como um livro de regras do futebol, camisas de times estrangeiros, bolas apropriadas para o jogo, bomba para enchê-las, e chuteira. Esse jovem brasileiro começou a frequentar um dos clubes mais requisitados de São Paulo, o São Paulo Athletic Club, onde o esporte mais praticado era o críquete. Ao perceber que o futebol não era praticado nos clubes, estando ainda muito restrito aos colégios de ensino, Miller tratou logo de levar o futebol para dentro do clube paulistano. Santos Neto (2002) retrata essa passagem quando escreve que:

Como todo bom *oldboy* das escolas inglesas, Miller chamou para si a responsabilidade de promover a prática do esporte entre a fina-flor da juventude paulistana. Não foi o único, mas seu extraordinário talento em campo dava-lhe uma autoridade superior. No SPAC, por meio de treinos fechados, angariou adeptos. Além disso, divulgou o jogo entre os outros clubes de elite existentes na cidade, fazendo com que também montassem seus times. (SANTOS NETO, 2002, p.29).

Para esse autor, o que faz com que exista esse senso comum de Charles Miller ainda ser considerado o “pai do futebol” no Brasil, é o fato dele ter introduzido o esporte dentro de um clube. Porém, não se pode dizer que foi o brasileiro o responsável por principiar essa prática esportiva em nosso país, pois é certo que em 1894 quando Miller desembarcou no Brasil, o futebol já era jogado e conhecido por aqui, principalmente no interior dos colégios Jesuítas.

Em 14 de abril de 1895, Miller organizou a primeira partida oficial de futebol no Brasil. O jogo foi disputado entre o São Paulo Athletic Club, clube qual esse jovem brasileiro era sócio, e os funcionários da São Paulo Railway Company, instituição onde ele trabalhava. É preciso deixar claro que os dois times eram compostos por brasileiros e ingleses da alta sociedade paulistana, e foi apenas em 1898 que foi enfim fundado o primeiro time constituído exclusivamente por brasileiros, o Associação Atlética Mackenzie Colege. (FRANCO JÚNIOR, 2007).

O futebol brasileiro podia ser considerado nessa época como um “esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas de escravismo [...]”. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.61). Essa modalidade esportiva era vista em nosso país como um símbolo da modernidade européia, sendo assim um “item” de grande desejo da elite brasileira, que enxergava que o futebol apenas poderia ser praticado por sujeitos de igual condição social e racial. Sobre essa época, Franco Júnior (2007) narra uma

passagem ocorrida em 1915 que exhibe a restrição social e racial do começo do futebol brasileiro. Nas palavras do autor:

Numa verdadeira profissão de fé, o primeiro número de um novo periódico lançado no Rio De Janeiro declarava solenemente que “o futebol é um esporte que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo. [Se formos] obrigados a jogar com um operário [...] a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão.” (Sports, 6/8/1915). Era inadmissível submeter-se as mesmas regras que jogadores oriundos das camadas subalternas quando a própria sociedade ainda carecia da universalização da igualdade jurídica e da cidadania(FRANCO JÚNIOR, 2007, p.63).

Uma das maneiras de impedir a amalgamação do futebol de elite com a camada popular brasileira eram os altos valores que as ligas desportivas cobravam dos clubes filiados. Contudo isso não impediu que alguns grupos de operários se constituíssem em times de futebol. Dessa forma, “as fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade ao mimetismo” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.63). Para esse autor, o futebol jogado pela camada popular, na maioria das vezes, sem o material ou local apropriado para o esporte, era um modo de representação da existência negada em outros campos sociais.

De certa forma, as leituras a respeito da chegada do futebol no Brasil, nos faz crer que essa modalidade foi organizada e popularizada primeiramente pela elite brasileira, para apenas mais tarde se consolidar entre a classe operária. Essas investigações nos fazem acreditar que certos tipos de discriminação se deram desde os primeiros jogos de futebol realizados em nosso país. Não apenas a discriminação por classe social, como também a de raça e de gênero. Reforçando esse discurso, Giarola (2003), aponta que:

Desde então já se podia observar o comportamento discriminatório, racista e preconceituoso extremamente acentuado e generalizado na sociedade brasileira, onde os negros eram excluídos e oficialmente não podiam participar dos jogos, e muito menos as mulheres, pois o futebol era visto como atividade essencialmente masculina, marcada pela força e violência do contato físico, características incompatíveis para o corpo mulher e consideradas próprias para construir e reforçar a identidade do corpo homem (GIAROLA, 2003, p. 71).

No que diz respeito à discriminação das participações dessa modalidade pelos diferentes gêneros, no próximo capítulo me disponho a interrogar a existência desse esporte quando praticado por mulheres. Essa desigualdade pode ser explicada pelo fato da prática esportiva ser vista como culturalmente violenta, por estar ligado a uma

naturalização de uma construção social e pelo fato de o esporte estar vinculado a imagens masculinas, melhor dizendo, a imagens de uma masculinidade forte e vitoriosa (ALTMANN, 1998).

## 4.2 FUTEBOL FEMININO

A escolha de escrever a respeito da participação das mulheres no futebol brasileiro, não se resumiu a uma tentativa de apenas delatar as desigualdades sociais que vinculam o contexto de gênero. Mais do que isso, ao pensar em escrever sobre esse assunto, me propus investigar como alguns grupos foram estabelecidos, colocando-se como superiores ou inferiores a outros grupos, além de investigar os recursos de poder que lhes permitem “afirmar uma superioridade e lançar um estigma sobre os outros, como pessoas de estirpe inferior” (SEGURA-RAMIREZ, 2001, p.166).

Pesquisar a participação dessas mulheres nesse esporte surgiu de uma inquietude na percepção de distinção entre os gêneros nesse esporte. Porém, escrever a respeito de algo que nos inquieta, sem correr o risco de cair no senso comum, não é uma tarefa fácil. De certa forma, é preciso pensar e elaborar uma escrita sem assumirmos a responsabilidade de uma escrita substancialista. Ou seja, é importante que o pesquisador assuma uma composição de caráter autônomo.

Segura-Ramirez (2001), defende que quando o autor assume essa postura autônoma ele evita que “os preconceitos de sua própria época e de seu próprio grupo lhe fechem o caminho da compreensão das relações humanas que procura entender.”. (SEGURA-RAMIREZ, 2001, p.166).

Pesquisar a respeito da história do futebol feminino é emocionante. Ao iniciar essa pesquisa me deparei com autores que há muito tempo já investigam esse tema e que, de certa forma ajudam a mudar sua trajetória nas últimas décadas.

Ao nos aprofundarmos em estudos que narram a história do futebol brasileiro, raramente nos deparamos com alguma pesquisa que envolva a participação das mulheres nesse esporte. Autores que se debruçaram em pesquisas a respeito do tema “futebol brasileiro”, como Santos Neto (2002) e Franco Júnior (2007), buscaram desvendar histórias singulares a respeito desse esporte em nosso país. Seus livros narram de maneira ampla o surgimento dos primeiros times e competições, as primeiras

copas e as grandes desavenças sociais e raciais que se estabeleceram no Brasil quando o futebol começou aqui ser jogado.

Santos Neto (2002) e Franco Júnior (2007), pouco fazem menção a participação das mulheres nesse esporte. Possivelmente esse fato se deve, a esse esporte esconder um universo intrincado, e a investigação proposta pelos autores não envolver esse corte temático. Porém, Franco Júnior (2007) quando cita a presença da participação feminina no futebol, nos dá a entender, que esse possui feições mais masculinas do que outros esportes. Nas palavras do autor:

Talvez devido a esse caráter bélico é que o futebol sempre tenha tido feição masculina muito mais pronunciada que o basquete ou o vôlei. Embora em fins do século XIX já se tivesse praticado um futebol de mulheres, ele efetivamente deslanchou graças a Primeira Guerra Mundial, que levou milhões de homens as trincheiras e aos túmulos. O futebol feminino não resistiu, porém, ao progressivo restabelecimento da ordem. Em fins de 1921, a Federação Inglesa de Futebol publicou clara resolução a respeito: “O Conselho se vê na obrigação de afirmar que o futebol não é jogo para mulheres [...] e convida os clubes membros da Football Association a não ceder seus campos para partidas femininas.” Após a Segunda Guerra Mundial, o futebol feminino recomeçou a ganhar forças, porém a FIFA, em 1951, recusou-se a cuidar dele, afirmando que se tratava de “questões de biologia e de educação que deve ser deixada a médicos e professores”. Somente no começo da década de 1970 as federações da Alemanha Ocidental, Inglaterra e França suspenderam o veto à prática daquele esporte por parte de mulheres. A FIFA ainda demorou alguns anos a reconhecer a modalidade. Em 1988 ela aceitou, afinal, organizar um torneio internacional feminino na China, país que em 1991 sediaria a primeira Copa do Mundo da categoria. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.203).

Quando o autor sugere o caráter bélico desse esporte, ele está fazendo uma comparação entre a guerra e o futebol. Para esse pesquisador, a semelhança entre esse dois cenários, se encontra no fato de, assim como na guerra, o futebol apresentar um lugar específico, um tempo delimitado, ter como personagens principais homens fortes e jovens, divididos em dois grupos, e dispostos a se enfrentarem, como também o desejo de desqualificar seu adversário. Franco Júnior (2007) continua descrevendo a imagem de um futebol masculino quando relata que homens discutem futebol com mais frequência que mulheres, vão mais regularmente aos estádios que elas, como também acompanham mais seus times do coração por rádio e televisão.

Para contar como se iniciou a participação das mulheres no futebol faço aqui um apanhado histórico, embasados em estudos acadêmicos que expõem a intensa luta dessas mulheres para que pudessem, enfim, ter algum direito ou reconhecimento dentro desse esporte.

O futebol começou a ser jogado no Brasil na primeira metade da década de 1880. Porém, foi na leitura do texto de Goellner (2005) que pude encontrar pela

primeira vez um trabalho concreto a respeito da inserção das brasileiras nesse esporte. A partir de análises de documentos produzidos na primeira metade do século XX e também publicações recentes inerentes ao tema, a autora identifica que, embora as mulheres ainda hoje não possuam visibilidade no cenário do futebol, elas já, há muito tempo, protagonizam sua história. Entretanto foi apenas a partir das primeiras décadas do século XX que obtiveram alguma visibilidade dentro desse território.

Pfister (2004) afirma que durante o século XIX, o papel das mulheres na sociedade era o de cuidar de suas casas, ficando assim longe de frequentar uma quadra esportiva. Dentro desse ambiente o papel feminino seria apenas o de coroar os homens vitoriosos por seus jogos, porém nunca caberia a elas praticá-los.

O começo do sec. XX, a fase de estruturação do esporte feminino, foi marcada por discursos e ideias que apontavam mulheres atletas como “não femininas”. Era uma época em que se podia observar uma grande ambiguidade: por um lado havia o preconceito do discurso, no qual mulheres atletas eram vistas como masculinizadas e vulgarizadas, por outro lado se notava uma crítica àquelas mulheres que continuavam estritamente restritas à esfera doméstica.

Sobre isso, Goellner (2005), constata que nessa época as mulheres eram incentivadas a prática esportiva moderada, afim de uma melhor preparação para a maternidade. Dessa forma, a falta de exercício físico também as levava a serem vistas como intransigentes. Porém, esses exercícios deveriam ser restritos e limitados, e, sendo assim, alguns esportes como futebol eram marginalizados.

Mesmo que as mulheres participassem de alguns eventos esportivos, o temor à desmoralização feminina frente à exibição e espetacularização do corpo se traduzia num fantasma a rondar as famílias, em especial as da elite. A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua auto-afirmação na sociedade e, pelo seu contrario, como de natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição. (GOELLNER, 2005, v.19, p.144).

Outra forma de repressão as mulheres no cenário esportivo, era através de um discurso biomédico como forma de normatização. O estudo de Franzini (2005) apresenta uma carta, escrita em 1940, por um cidadão carioca e indexada ao presidente Getulio Vargas, pedindo a atenção do presidente para o “absurdo” que estava preste a acontecer com a juventude feminina no Brasil. A carta dizia:

Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a *ser mãe*...Ao que dizem os jornais, no Rio já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães, que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes; pois, desde que já se chegou à insensatez inqualificável de organizar-se pugnas de futebol *com um grupo de cegos* a correrem, às tontas, atrás de uma bola cintada de guizos, não será de admirar que o movimento feminino a que nos estamos reportando seja o ponto de partida para, no decorrer do tempo, as filhas de Eva se exibirem também em assaltos de luta livre e em justas da "nobre arte", cuja *nobreza* consiste em dois contendedores se esmurrarem até ficarem babando sangue. (FANZINI, 2005, p.319)

Não fosse o bastante, a carta foi encaminhada da Presidência da República, a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, e repassada a Subdivisão de Medicina Especializada. A carta recebeu não só um parecer favorável dos médicos, como também o apoio para a interdição imediata do futebol as mulheres jogadoras da época. A carta de resposta da Subdivisão de Medicina Especializada dizia:

O gesto do Snr. José Fuzeira, determinando o debate sobre uma questão que poderia ter conseqüências nocivas para a saúde de grande número de moças, é digno de todos os louvores. Efetivamente, o movimento que se esboçou nesta Capital para a formação de vários quadros femininos de futebol, e que tomou corpo com o apoio que alguns jornais cariocas deram, é desses que merecem a reprovação das pessoas sensatas, já pelo espetáculo ridículo que representa a prática do "association" pelas mulheres, como também pelas razões de ordem fisiológica, que desaconselham sumariamente um gênero de atividade física tão violento, incompatível mesmo com as possibilidades do organismo feminino... Existe hoje uma interminável bibliografia sobre assuntos referentes à educação física e desportos, sendo todos os autores unânimes em profligar o jogo do "velho esporte bretão" pelas mulheres, por acarretar traumatismos que podem afetar departamentos do organismo feminino especialmente delicados e de importância vital. (FRANZINI, 2005, p.320).

Todas essas formas de preocupação com o bem-estar das brasileiras nessa época não conseguiam esconder o medo que pairava entre a população da descoberta de uma mulher não frágil, pois, quando essas se mostravam mais fortes do que julgavam, cairia por terra o discurso das diferenças naturais, que apresentava a superioridade de um sexo sobre o outro.

Sobre isso, Goellner (2014) em uma palestra intitulada “Sobre a história da mulher brasileira no esporte: conquistas através do corpo”<sup>1</sup>, disse que mesmo que nessa época algumas práticas esportivas e corporais fossem incentivadas elas não poderiam ferir três grandes representações, sendo elas a de ser bela, ser feminina e ser mãe.

Mesmo em meio a tantos embargos apresentados nessa época, as mulheres começaram a ocupar, de alguma forma, algum lugar dentro do futebol. Franzini (2005) confirma isso quando escreve a respeito de uma publicação da Revista Educação Física, de 1940, que continha uma notícia a respeito de uma partida de futebol “entre senhoras” que ocorreria no Rio de Janeiro. Esse foi um jogo de grande sucesso, causando dessa forma um grande desconforto no mundo esportivo.

De acordo com Gollner (2005), esse espaço conquistado pelas mulheres dessa época começou a despertar suspeitas, pois abrangiam certos limites que iam contra a imagem ideal e feminina esperada pela sociedade da época.

A tensão presente entre diferentes concepções acerca das relações entre mulheres e atividade física fez com que houvesse, por parte de alguns setores da sociedade brasileira, um movimento de cerceamento à participação das mulheres em determinadas modalidades esportivas. Fruto desse movimento, em 1941, o General Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho Nacional de Desportos, subsídios para a elaboração de um documento que oficializou a interdição das mulheres a algumas modalidades, tais como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo; outras foram permitidas dentro de determinados limites. Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos aprovou a Deliberação no. 7 que, em seu artigo segundo registrava não ser permitido a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, “rugby”, halterofilismo e “baseball”. (GOELLNER, 2005, p.145).

O documento citado por Goellner veio como uma forma de oficializar o pensamento presente naquela época, onde, principalmente no que se refere ao fato de esportes vistos como violentos, não deveriam fazer parte da vida de uma mulher, para que sua beleza e feminilidade permanecessem “intactas”.

Dessa forma o futebol, enquanto jogado por mulheres, não alcançou a mesma visibilidade do mesmo esporte quando jogado por homens, e o documento de proibição a sua prática, foi uma das grandes razões para isso.

---

<sup>1</sup> No dia 11 de março de 2014, aconteceu no auditório da Faculdade de ciências médicas da UNICAMP o “Fóruns Permanentes – Vida : Mulheres no Esporte”. O evento foi organizado pelas professoras, Helena Altmann e Heloisa Helena Baldy dos Reis, e contou com a participação de pesquisadores dos estudos de gênero, tais como Profa. Dra. Silvana Goellner (UFRGS) e Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior (UFSCar).



É válido lembrar que, dizer que uma prática esportiva é proibida para mulheres, não significa dizer que essa não era praticada de fato. Os jogos continuavam a ser realizados por algumas mulheres, mesmo essas passando a serem vistas como afrontosas a sua própria natureza. Sobre isso, é válido ressaltar que algumas dessas mulheres, que persistiram em praticar o futebol, mesmo na clandestinidade, foram presas, e até mesmo alguns clubes receberam multas por terem times femininos (FOLHA DE SÃO PAULO, 2015).

Morel e Salles (2006), dizem ser difícil contar a história do futebol feminino de uma forma linear, tendo em vista que esse não se desenvolveu de tal forma em nosso país. Dessa forma, devemos saber que mesmo as mulheres tendo participado ativamente no futebol, essa participação não foi significativa no cenário esportivo quando comparado à atuação masculina dentro desse esporte, até mesmo porque “os decretos oficiais da interdição a determinadas modalidades impossibilitaram, por exemplo, que os clubes esportivos investissem em políticas de inclusão das mulheres no esporte” (GOELLNER, 2005, v.19, p.147).

Sendo assim, é apenas a partir de 1979, quando revogada a deliberação do Conselho Nacional de Desportos que vedava a prática do futebol para mulheres, que podemos dar início a uma nova história. Goellner (2005) diz que, com a lei abolida, a partir de 1980, começaram a surgir vários times femininos. De acordo com Atlas Do Esporte No Brasil, publicado em 2006, o Clube Federal, um clube carioca, foi o primeiro a implantar a prática do futebol feminino, isso em 1977. Em 1981, foi fundada a Liga de Futebol de Praia Feminino do Rio de Janeiro, já com a realização do seu primeiro campeonato.

Possivelmente os precursores do futebol no Brasil, que estavam acostumados a ver mulheres apenas nas arquibancadas, enfeitando seus eventos, não poderiam imaginar que o espaço dentro do campo, estritamente masculino, seria conquistado por elas. Apesar de já estar sendo praticado nas décadas anteriores de forma esporádica e isolado, foi nos anos de 1980 que o FF ganhou notoriedade da imprensa e no Brasil (principalmente com o E.C Radar- RJ) e em excursão pelo exterior. No começo, era visto somente como espetáculo (os jogos eram antes das partidas masculinas nos estádios). Porém, até o final da década de 1980 foi apresentando evolução técnica, aumento do número de participantes, melhoria na organização e estrutura das competições, e o surgimento de novas equipes, demandando a realização de inúmeros campeonatos no futebol de campo, futsal, futebol society e futebol de areia; inclusive alguns eventos eram destinados a equipes juvenis. O FF sinalizava que o ritmo de desenvolvimento seria crescente. (MOREL E SALLES, 2006, p.8264).

Entretanto, Darido (2002), afirma em seu estudo que existe mais de uma versão para contar o início da prática do futebol feminino no Brasil. Dessa forma, Salles, Silva e Costa (citado por DARIDO, 2002), informam que as primeiras partidas de futebol feminino ocorreram em 1975, por empregadas domésticas na praia de Leblon. Os autores chegam a essa informação após analisar uma matéria do Jornal do Brasil de 28/11/1976.

Porém a autora corrobora com outras versões a respeito das primeiras partidas realizadas em nosso país. Flores (citado por DARIDO, 2002), informa que as primeiras partidas de futebol feminino tiveram suas primeiras partidas organizadas por boates gays no final da década de 70.

Para a autora, fato é que o futebol feminino institucionalizado teve seu início em meados da década de 80. As ligas de futebol feminino que se fundaram a partir de então, bem como alguns campeonatos, eram quase sempre patrocinados por diferentes empresas. Por essa razão “não é possível separar o início do futebol feminino dos investimentos realizados no esporte pela iniciativa privada” (DARIDO, 2002, p.3).

Pode-se dizer então que foi a partir de meados da década de 1980 que as mulheres começaram a ter um papel mais efetivo dentro dos campos, e em 1996 o futebol feminino conseguiu enfim seu lugar dentro dos Jogos Olímpicos (Atlanta- EUA-1996). A década de 90 foi marcada por uma expectativa de consolidação do futebol feminino dentro do cenário esportivo. A criação de grandes eventos e a inserção da modalidade dentro de campeonatos já existentes deu uma esperança de que a mídia voltaria seus olhares para essas atletas, fato que não se confirmou.

De acordo com Darido (2002), foi também na década de 80 que a mídia começou a ter minimamente um olhar sobre o futebol feminino, pois foi nessa época que a televisão começou a exibir os seus jogos. De qualquer forma, para a autora, esse novo espaço veio como forma de interesse econômico, e não como uma maneira a romper com os valores sexistas e discriminadores. Nas palavras da autora:

Em meados da década de 80, a televisão passou a exibir os jogos de futebol feminino, pois, como afirma Kenski (1995), o esporte é um ótimo investimento, já que o espetáculo é fácil de ser produzido, os cenários e atletas já estão preparados e custa pouco para os investidores, sendo que para a mídia em geral, o esporte é uma fonte inesgotável de notícias, de público e de lucro. A Rede Bandeirantes detinha na época uma grande quantidade de espaço dedicado ao esporte. Considerando que futebol masculino é disputado por diferentes redes a um custo mais alto, a emissora, para preencher os espaços destinados ao esporte, abriu oportunidades para o futebol feminino na televisão. (DARIDO, 2002, p.3)

Goellner (2005) aponta ainda outra perspectiva que começou a despontar relacionada ao futebol feminino que começava a aparecer no Brasil. Na visão da autora, quando, no começo da década de 80, começaram a surgir equipes de futebol feminino, apesar de isso significar um avanço e uma conquista para as mulheres da época, também pode expressar “uma adaptação aos valores e práticas comuns a esse esporte visto que, em algumas situações, essa inserção esteve atrelada a afirmação de uma representação hegemônica de feminilidade “medida”, como se pode esperar, pela aparência dos corpos das jogadoras.”. (GOELLNER, 2005, p.5). A autora ilustra sua fala quando oferece o exemplo do que aconteceu na reedição, em 2001, do “Paulistana”, que foi como se chamou o Campeonato Paulista de Futebol Feminino.

Knijnik e Vasconcelos (2003), contam que nesse campeonato, as mulheres tiveram sim, certa visibilidade, porém não necessariamente relacionadas ao seu talento esportivo. Nas palavras dos autores:

[...]as atletas que participavam deste campeonato precisavam cumprir algumas condições estéticas, pois os dirigentes da FPF prometiam literalmente um campeonato bom e bonito, que unisse o “futebol á feminilidade”. Assim, por exemplo, atletas de cabelos raspados foram barradas – a preferência era por moças de cabelos compridos; também havia um componente etário nas pré – condições, as atletas não poderiam ter mais de 23 anos para jogarem, provavelmente pelo fato das imagens das mais novas serem mais facilmente erotizáveis na mídia em geral. (KNIJNIK; VASCONCELOS, 2003, p.4)

Os autores esclarecem que essa edição do campeonato rendeu uma série de polêmicas. Porém, mesmo havendo manifestações contrárias à realização do campeonato, como as de algumas atletas indo a jornais para fazerem reclamações, ou a de alguns deputados que entraram com representações contrárias à discriminação das “feias”, o campeonato aconteceu.

Uma das grandes dificuldades do futebol feminino se deve ao fato dele ainda ser reconhecido como uma modalidade amadora, ocorrência que tem como consequência o não desenvolvimento da modalidade, se analisar que “muitas vezes as atletas têm pouca condições de sobreviver apenas do esporte e, conseqüentemente, não se dedicam de forma integral a essa ocupação, fato que contribui para que a qualidade técnica das competições enfrente dificuldades para evoluir” (SOUZA JÚNIOR, 2013, p.83).

Atualmente a situação do futebol feminino brasileiro é muito diferente do que se observa no cenário mundial, a exemplo dos EUA onde o futebol é muito mais popular entre as mulheres se comparado aos homens americanos. Hoje, para que o futebol

feminino brasileiro conquiste um crescimento significativo é estritamente necessário que possua mais investimentos financeiros, interesse dos meios de comunicação e de clubes que incentivem a prática, adoção de um mecanismo de incentivo pelos órgãos dirigentes e uma adequação de sistemas competitivos a mulher. (MOREL e SALLES, 2006).

Grande parte desses estudos aponta a constituição histórica do futebol feminino atravessada por relações de poder onde os marcadores de gênero cumprem um papel fundamental. Essa noção de poder que engloba o campo de estudos de gênero faz referência ao pensamento de Foucault. Para esse estudioso, o poder não é algo que possa estar nas mãos de um indivíduo ou se localizar nele. O poder não é algo que se aplica aos indivíduos, mas sim, algo que passa por eles.

O que conseguimos absorver desse pensamento é que o poder não pode ser visto como uma entidade, sendo assim, o poder apenas pode existir enquanto prática ou relação.

Para Foucault o corpo é atravessado por relações de poder, sendo assim um “local de dominação através do qual a docilidade se realiza e a subjetividade se constitui.” (ALTMANN, 2008, p. 7). Toda essa modelagem dos corpos, que encaminham para uma docilização dos corpos a fim de torná-los úteis e produtivos, passa a ter por finalidade, o seu controle.

São nos corpos que a prática social de gênero se constitui. Segundo Altmann (1998) é dentro dessas práticas sociais que o sujeito se identifica ou se constrói como masculino ou feminino.

É nesse sentido que Louro (1997) explica a pluralidade dos gêneros, pois não se pode opor um gênero ao outro. Em que pese que seja preciso entender que cada ser masculino possui um pólo feminino, e vice versa. Sendo assim, não existe “a mulher”, e sim “mulheres”, que não são idênticas, e sim diferentes em seus contextos.

Portanto, tal como observado acima, entendemos ser de suma importância avançar nossa abordagem dentro do campo de estudos de relações de gênero.

Para tanto, estabelecemos a seguir os parâmetros teóricos e conceituais deste campo de estudos.

### 4.3 GÊNERO

Ao abordar a temática de gênero nesse trabalho, parto primeiramente da compreensão de uma melhor adequação para o significado desse termo. Na busca de

clarear alguns equívocos conceituais, faço uso do entendimento de Goellner (2001), que diz que não são somente as diferenças anatômicas que estabelecem diferenças entre homens e mulheres, mas, ainda, aspectos sociais, históricos e culturais. De acordo com a autora, é preciso deixar de lado a idéia de um determinismo biológico que diz que os diferentes sexos constroem-se masculinos e femininos por suas diferenças anatômicas e que essas diferenças justificam determinadas desigualdades, atribuem funções sociais, determinam papéis a serem desempenhados por homens ou mulheres. Goellner (2010), diz que gênero é a condição social por meio da qual um sujeito passa a se identificar como masculino ou feminino e que é diferente do termo “sexo” que leva em conta apenas as diferenças anatômicas que se diferem entre homens e mulheres. Além do mais, Bernardes e Martins (2007) refletindo sobre o tema, dizem que as características de gênero mudam de maneira a se adaptar a diversos fatores sociais, tais como classe, geração, etnia, sexualidade, escolaridade, entre outros.

Trabalhamos então com o termo gênero como uma forma de indicar construções culturais. “Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontramos um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular maior” (SCOTT, 1995).

Gênero é apenas um dentre tantos marcadores identitários de diversidades. “Reconhecer a diversidade significa aceitar a idéia de que ser diferente não significa ser desigual, pois, em nome desses marcadores identitários, muitos sujeitos têm sido excluídos de vários direitos sociais, inclusive o acesso ao esporte e ao lazer” (GOELLNER, 2010).

Quando falamos em diversidade, é válido lembrar que questões que afetam gênero são raramente colocadas em questão e quando mencionadas, muitas vezes é para se falar do que é tido como normal desejável e aceitável. Esses rótulos precisam, necessariamente, ser rejeitados, pois esses reforçam a discriminação e a exclusão. Na tentativa de evitar essa ocorrência, é preciso termos olhares mais atentos para algumas práticas e discursos que algumas vezes tomamos como verdades absolutas. Um exemplo disso é dentro da prática esportiva quando as diferenças biológicas justificam o acesso e a permanência de meninos e meninas em diferentes modalidades esportivas, outro é a representação de que existe um estereótipo feminino e um masculino ou a identificação de que algumas práticas corporais devem ou não devem ser indicadas para meninos e/ou meninas, pois não correspondem ao seu gênero.

Dessa forma, podemos partir do pressuposto de existência de um caráter discriminatório de gênero em alguns contextos culturais. Em seu estudo, Goellner (2010), diz que corpo é algo genericado, ou seja, as marcas de gênero se inscrevem nele. Isso implica dizer que aquilo que o corpo indica ser masculino ou feminino, não existe naturalmente. Foi construído.

O corpo é agente da cultura, sendo que todas as normas centrais, as hierarquias e até os comportamentos metafísicos dessa cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal concreta. Alguns autores, como Michel Foucault, defendem que o corpo é um lugar prático direto de controle social. O que fica entendido é que a cultura “se faz corpo” através de hábitos muitas vezes imperceptíveis do dia-a-dia. Contemplando esse pensamento temos a idéia de “corpo dócil” e regulado, colocado a serviço das normas da vida cultural e habituado às mesmas. Esse seria um corpo sujeito a mudanças e “aperfeiçoamentos”, pois suas forças e energias estão habituadas ao controle externo. Isso leva muitas pessoas a pensarem nunca serem suficientemente boas (BORDO, 1997).

Louro (2008) trabalha em seu estudo com a ideia de que nenhum ser humano nasce puramente homem ou mulher, mas que isso requer investimentos continuados. Para a autora, nada há de puramente “natural” e dado em “ser humano”. Ser homem e ser mulher constitui-se em processos que calham no domínio de uma ou outra cultura. A autora ainda reflete sobre o conceito de não ser o fato de um corpo nascer como macho ou fêmea que faz desse um sujeito masculino ou feminino, e que sim aprendemos a viver dentro de uma cultura e nos construir através do que nos é dado pela mídia, igreja, ciência, leis, discursos dos movimentos sociais e dos tantos dispositivos tecnológicos. Aqui cabe citar o trabalho de Wenzel (2012) que diz que gênero se estende para além do que imaginamos como papel de homem ou mulher na sociedade, compreendendo todas as formas de uma construção social, cultural e linguística, em que homens e mulheres passam a se diferenciar, incluindo seus corpos.

Um dos grandes desafios dentro dos estudos de gênero são os temas que nos mostram as grandes desigualdades sociais no que diz respeito às mulheres no esporte. Silveira (2008) estudou o associativismo no futebol, um esporte socialmente considerado masculino. A autora destaca que o que sustenta as atletas por ela estudadas em um time de futebol, são principalmente os vínculos esportivos, homossexuais e de amizade. O vínculo esportivo que ela coloca em seu trabalho como “o jogar por lazer” é o que mais aparece entre as jogadoras, com isso o pesquisado diz que afirmar que a

maneira que homens e mulheres enxergam e vivem o esporte é diferente ou até mesmo oposta, não combina com aquilo identificado por meio dela de maneira empírica. A autora afirma que dentro de uma instituição de futsal feminino, podem ser observadas inúmeras manifestações de preconceito, tanto de gênero quanto de sexualidade.

Wenetz (2012) também trabalhou em sua pesquisa com questões relacionadas ao gênero, procurando saber quais são os significados sociais atribuídos ao corpo e ao gênero nas práticas corporais que permeiam o recreio de primeira a quarta séries. Nessa pesquisa, a autora conclui que os espaços reservados para o recreio escolar são disputados, negociados ou impostos, pois as brincadeiras ali realizadas são generificadas e sexualizadas. Dessa forma, as crianças não se sentem livres ou à vontade para brincarem da maneira como quiserem.

Em outro estudo Wenetz (2005), atesta que dentro do tempo do recreio, o futebol é um lugar reservado e almejado por meninos, pois através de sua prática são reforçadas as características apresentadas como masculinas em nossa cultura.

Dessa forma, pode-se dizer que o tema “gênero” apresenta várias possibilidades de análise. Ofereço uma possibilidade de análise pensando o futsal como uma prática atravessada por questões de distinções de gênero.

#### **4.4 BULLYING E CYBERBULLYING NO CENÁRIO DO FUTEBOL FEMININO**

Os grandes avanços em desenvolvimentos tecnológicos têm transformado substancialmente as formas de trabalho, de lazer, de comunicação, como também as ideias que o homem possui de espaço e tempo, do que é real e virtual. Essas novas concepções causam repercussões sociais, econômicas, políticas e educacionais em nossas vidas (GONÇALVES, 2011).

A internet é um grande exemplo de nova tecnologia de comunicação e informação. Ela surgiu no começo da década de 1950, porém ainda no final da década de 60, os computadores que permitiam a sua utilização eram muito caros e de grande porte, além de não permitir a transmissão de dados de um computador para o outro.

Lima (2011) esclarece que foi apenas em 1972, durante uma conferência internacional de comunicação em Washington, que pesquisadores conseguiram transmitir pela primeira vez, pacotes de dados de um computador para o outro. No

entanto, nessa época as redes sociais de comunicação eram utilizadas apenas para fins acadêmicos, não incluindo fins comerciais.

Aqui no Brasil, a internet apenas começou a ser utilizada comercialmente a partir de 1995. Desde então vem produzindo importantes mudanças na maneira que o homem possui para se comunicar e se informar.

Segundo Lima (2011) a internet ganhou uma nova dimensão a partir do século XXI, com a criação da internet 2.0, mais conhecida como web. Essa nova internet possibilitou uma maior interação entre os usuários, oferecendo a possibilidade de compartilhamentos, socialização e participação dos usuários.

Amado et al. (2009) nos alerta que esses desenvolvimentos tecnológicos podem trazer muitas vantagens e facilidades para nosso cotidiano, porém para que possamos desfrutar de seus benefícios devemos obedecer a certas regras pois seu uso inadequado pode ocasionar graves problemas, dentre eles o *cyberbullying*, fenômeno virtual que apareceu de maneira a amplificar de maneira colossal os riscos na vida diária do indivíduo

Quando utilizamos algum recurso tecnológico de comunicação ou de informação, com o intuito de prejudicar outra pessoa, perseguindo-a ou molestado-a sistematicamente, estamos lidando com uma forma indireta de *bullying*, uma prática ilícita nomeada *cyberbullying*.

Amado et al. (2009) descrevem o *cyberbullying* como uma extensão, nos tempos pós-modernos, do antigo fenômeno *bullying*. A expressão *bullying* foi usada pela primeira vez em 1970 pelo norueguês Dan Olwe. Em síntese, é uma expressão inglesa derivada do adjetivo “*bully*” que significa valentão ou brigão. O *bullying* decorre da exposição de um sujeito ou um grupo de sujeitos a ações negativas, que envolvem comportamento agressivo e incomodo ao outro, por meio de palavras, ações, contatos físicos, gestos obscenos, exclusão etc.

Para Silva (2010), o *cyberbullying* é uma decorrência dos tempos modernos, onde as relações interpessoais estão fadadas a superficialidade e a alienação (aqui entendida como uma forma isolada e solitária de se viver). De acordo com essa autora, a modernidade está alicerçada em uma ideologia que inflige o individualismo. Nas palavras da autora:

O *cyberbullying* é um reflexo perfeito dessa cultura embasada na insensibilidade interpessoal e na total ausência de responsabilidade e solidariedade coletiva. Nesse contexto, o *bullying* virtual encontra fatores bastante propícios para se proliferar de forma sombriamente imprevisível.



Dentre eles podemos citar: a inexistência de padrões ilegais e éticos para a utilização dos recursos tecnológicos da informação e da comunicação; a falta de empatia, de sensibilidade e de responsabilidade nas relações interpessoais; a certeza do anonimato, da impunidade e do silêncio acuado das vítimas. (SILVA, 2010, p.113).

As palavras da autora nos trazem a ideia de nos dias atuais, o ser humano estar vivendo imerso em uma nova maneira de vida que planeia o individualismo como um conceito moral, demonstrando ser esse o melhor tipo de vida que o sujeito pode trazer.

O fenômeno do *cyberbullying* pode ser descrito como um conjunto de comportamentos agressivos, que ocorrem repetidas vezes com a finalidade de ferir fisicamente ou moralmente a outra pessoa.

O *cyberbullying* mantém algumas características do seu precursor, como a agressão, a ameaça e as provocações de desconforto, premeditadas e repetidas. Porém diferentemente do *bullying* onde essas ações são realizadas face-a-face, o *cyberbullying* faz uso de algum dispositivo tecnológico de comunicação, tal como o e-mail, o chat, o blog, etc., para transcender a agressão. Amado et al. (2009) advertem que, como esse fenômeno se apóia nas novas tecnologias de informação e as ofensas ocorrem no espaço virtual, elas se expandem além da fronteira do tempo e do espaço pessoal e físico, já que nesses espaços elas podem manter-se por um tempo infinito. Isso nos mostra a representação de uma nova forma de poder, e faz com que suas consequências tenham uma dimensão maior que a do próprio *bullying*.

Sobre isso, Hinduja e Patchin (apud LIMA, 2011) dizem que a vida no ciberespaço não pode se desprender da presencial, uma vez que uma afeta a outra de forma sistemática. Ou seja, as práticas do *cyberbullying* podem fazer com que o ambiente não virtual se torne insuportavelmente incomodo para a vítima.

Outro grande agravante a esse problema, identificado por esses autores, seria a dificuldade de localizar o agente da agressão. Os locais de acesso as tecnologias de informação, utilizados pelos agressores podem ser espaços públicos, o que contribui para o anonimato dos sujeitos.

Silva (2010) chama a atenção para essa falta de conhecimento da identidade do agressor, dizendo ser essa “uma blindagem poderosa pela garantia de anonimato que eles adquirem” (SILVA, 2010, p.126).

De acordo com o autor citado acima, as vítimas de *cyberbullying* não possuem um perfil específico, fazendo com que qualquer um esteja sujeito a esse tipo de ataque. Em equivalência, também não é possível se traçar o perfil do agressor.

O fato de ser um tipo de violência, no qual o agente autor da agressão possui a liberdade de optar pelo anonimato, permite que um número maior de pessoas se torne também agressores, pois alguns sujeitos que não conseguiriam realizar tais atos face-a-face, têm agora a liberdade de ofender e humilhar o outro, mascarados por uma tela de computador, e com uma identidade por muitas vezes falsa.

Teixeira (2011) descreve em seu livro, cinco principais tipos de *cyberbullying*. São eles:

-Bullying direto: quando ocorre esse tipo de agressão, o autor comete seus xingamentos e humilhações de forma direta, enviando-as de forma escrita através de salas de bate-papo, e-mails, aparelhos de celular ou sites de relacionamento.

-Criação de websites: ocorre quando o autor da agressão cria páginas virtuais, na intenção de agredir, ofender, humilhar e difamar a vítima.

-Impersonalização: é uma forma indireta desse fenômeno. Ocorre quando o autor da agressão se faz passar pela vítima. Desse modo, ele pode, por exemplo, invadir o perfil de relacionamento ou e-mail da vítima enviando mensagens a terceiros, com a finalidade de provocar a ira dessas pessoas contra o suposto autor das mensagens.

-Fórum de discussões: ocorre quando em blogs, sites de relacionamento, ou outras páginas na internet, são criados fóruns de discussão com a finalidade de difamar e denegrir a imagem da vítima. Quando incide esse tipo de *cyberbullying* o autor pode se esconder por trás de um falso nome para que sua verdadeira identidade não seja revelada.

-Postagens de vídeos e fotos: ocorre quando há o envio de fotos ou filmagens por meio de celulares, e-mails ou qualquer conta em sites que disponibilize sua postagem. O envio desses vídeos e fotos além de desmoralizar e humilhar a vítima com a exposição ilegal de sua figura, também podem ser editados, modificados e distorcidos no intuito de agredir ainda mais seus alvos.

A ocorrência de intimidações e insinuações dentro do ciberespaço, que podem ser consideradas como *cyberbullying*, já é algo muito frequente no Brasil. Essa frequência é ainda maior, quando as humilhações se reportam a negros, obesos, ou casais (AMADO, et. al. 2009). Um estudo publicado pela Action for Children (Organização não governamental inglesa de proteção a infância e a adolescência), e citado por Teixeira (2011), revela que um em cada quatro jovens é vítima de *cyberbullying* regularmente.

Apesar de já haver uma preocupação iminente acerca de todos esses problemas, parece haver uma desorientação por parte dos responsáveis políticos e educacionais quanto às medidas preventivas. Um dos motivos, segundo Amado et. al (2009) parece ser o fato desse fenômeno se empregar de meios que apenas nos últimos anos passaram a ter uso generalizado e que ainda continuam em pleno desenvolvimento. Ou seja, um dos grandes agravantes desse problema, seria o desconhecimento ou indiferença por parte de muitas pessoas do uso de algumas tecnologias que não param de evoluir.

Para que possa haver um avanço significativo nesse quadro, na intenção de que as pessoas tenham um olhar mais cuidadoso para as questões relacionadas ao *cyberbullying*, é preciso que exista o reconhecimento da necessidade de um maior aprofundamento da natureza do problema.

De modo claro, é preciso esclarecer que tanto o desenvolvimento, quanto o uso dessas novas tecnologias não nos proporcionam apenas um lado perverso. A intenção em esclarecer sobre as conseqüências advindas do mau uso desses aparatos é sugerir que em tempos, em que o acesso a meios mais rápidos de comunicação ganham uma aceleração desmedida, é coerente pensar que as formas de ação violentas ganham um contexto diferente, fazendo com o que o *cyberbullying* seja visto como um “mal contemporâneo”.

O *bullying*, relacionado com as representações de gênero, foi discutido no trabalho de Oliveira e Votre (2006). Os autores constataram que os comportamentos presentes no *bullying* estão inseridos em conjunturas culturais e sociais e que o gênero atravessa as questões de discriminação desse fenômeno. O mesmo trabalho ainda relata que as discriminações se dão pelos estereótipos esperados de cada sexo, sendo que das meninas se espera graciosidade e fragilidade, contrapondo a agressividade esperada em meninos. De acordo com o autor, o *bullying* é apenas a ponta do iceberg da discriminação, o que mostra o quanto as pessoas estão envolvidas com os estereótipos culturais.

Outro trabalho que relaciona o *bullying* sobre ponto de vista que atravessa as questões de gênero, é o de Batista (2011). A autora realizou durante a sua pesquisa, encontros com alunos de 11 a 14 anos nos quais debatia sobre a temática de gênero sobre a perspectiva que retrata a desigualdade e a injustiça em relação ao outro que não se encaixa no padrão social e culturalmente valorizado. A autora identificou na fala dos alunos a idéia de identidade naturalizada, idéia essa que reforça o papel destinado as mulheres na sociedade. Uma prova disso é a concordância por grande parte dos alunos

que “lugar de mulher é no fogão” e que homens não devem aceitar que suas mulheres trabalhem fora de casa. A autora propôs em seu trabalho que, os estereótipos de gênero perpassam vários âmbitos, inclusive o do esporte. Algo que comprovaria isso em sua pesquisa, seria a fala dos alunos, na qual foi relatada a natural identificação dos meninos pelo futebol, e das meninas pela dança/ginástica.

Algumas práticas esportivas, como o futebol feminino, são marcadas por suas histórias de inclusão e exclusão atravessadas pela questão de gênero. Peçanha e Devede (2010) dizem que a grande colaboração para os conflitos de gênero presentes no futebol, são as diferenças de habilidade entre meninos e meninas. Em seus estudos eles relatam que durante as aulas de educação física de crianças, já podemos observar atitudes de preconceito e discriminação. Os autores constataram que durante as aulas, tanto o menino que tinha pouca habilidade motora para jogar bola, quanto a menina que se destaca em tal atividade devido a suas habilidades, tendem a ser rotulados e discriminados.

É extremamente necessário entendermos que a identidade de gênero de um sujeito não pode ser definida, por exemplo, pelo fato dele possuir ou não habilidades para o futebol, ou, gostar ou não desse esporte. A identidade sexual, segundo Goellner (2005) se refere a como cada indivíduo vive a sua sexualidade, seus desejos e prazeres corporais. Dessa forma, o fato de meninas possuírem habilidades motoras ou apenas gostarem de um jogo de futebol, não faz com que sua identidade sexual seja homossexual.

O estudo de Peçanha e Devede (2010) expôs sobre o bullying homofóbico dentro das aulas de educação física escolar. Os autores afirmam que durante as aulas, alguns alunos se tornaram vítimas de preconceito de gênero, e passaram a sofrer com piadas maliciosas.

O mais curioso nisso tudo, é que, afinal de contas, o futebol, tal como conhecemos hoje, surgiu de uma “tentativa de superação da barbárie, ou seja, dos jogos anteriores, quase sem regras ou quase sem limites para a ação física dos praticantes.” (MURAD, 2012, p.67).

## 5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada utilizando o método netnográfico. Esse foi um método de pesquisa desenvolvido em 1995 por Robert V. Kozinets, um antropólogo treinado em marketing. Kozinets ao desenvolver tal método deu uma nova significação a outro método já conhecido, a etnografia. Dessa forma, o pesquisador conectou a etnografia por meio da tecnologia, ou internet. De acordo com o próprio autor “a netnografia é a etnografia adaptada às complexidades do nosso mundo social contemporâneo, mediado pela tecnologia” (KOZINETS, 2010, p.5).

### 5.1 Natureza do Estudo

De acordo com Kozinets (2010) a netnografia se assemelha a etnografia por ser um método de pesquisa naturalista, imersiva, descritiva, adaptável e focada no contexto. O autor defende que uma pesquisa netnográfica vê as interações online presentes no ciberespaço como “reflexos culturais que prevêm profundo entendimento sobre a humanidade” (KOZINETS, 2010, P.1).

A netnografia será utilizada nessa pesquisa em virtude de determinadas vantagens, tais como a facilidade na aplicação de questionários e a garantia no anonimato da identidade dos sujeitos pesquisados, além da possibilidade de garantir respostas mais fiéis.

Esse estudo também empregará uma pesquisa do tipo etnográfico durante sua coleta de dados. É imprescindível dizer que estamos falando de um estudo do tipo etnográfico, e não etnografia no seu sentido estrito, pois faz uso de técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, como a observação participante e a entrevista (ANDRÉ, 2009).

De acordo com Kozinets (2014), grande parte dos pesquisadores de rede parece concordar que a melhor abordagem dentro de uma pesquisa netnográfica, seria a utilização de uma combinação desses métodos de coleta de dados. A pesquisa seguirá as fases sobrepostas propostas por Kozinets para se desenvolver uma pesquisa netnográfica. São elas:

- 1-Planejamento de pesquisa
- 2- Garantia de padrões éticos
- 3-Entrada
- 4- Coletas de dados

## 5- Interpretação

## 6- Apresentação da pesquisa

Os estudos que utilizam como local de pesquisa um ambiente virtual ainda são um campo em pleno desenvolvimento, porém uma das grandes vantagens em pesquisas através da internet são a capacidade de interação e a propriedade de armazenamento de dados. Um dos benefícios de utilização desse método é que ele proporciona um grande alcance territorial além de garantir o anonimato das respostas dos sujeitos pesquisados.

Dessa forma, com o intuito de promover um maior acesso as atletas sujeitos da pesquisa, manter o anonimato promovendo assim uma maior veracidade nas respostas, e ainda facilitar a coleta de dados, será realizada a netnografia.

### **5.2 Participantes**

Como população da pesquisa foi delimitada todas as atletas de futebol/futsal da Universidade Estadual Paulista- Julio de Mesquita Filho, pertencentes à rede social facebook® no ano de 2014/2015. A coleta de dados se iniciou após a autorização das atletas, e as mesmas assinarem o consentimento livre e esclarecido aceitando participar da pesquisa. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética sob o número de CEP 1.071.201.

### **5.3 Instrumento de Pesquisa**

A coleta de dados seguiu duas etapas. Em primeiro lugar foi utilizada a técnica da observação, e posteriormente foi enviado um questionário a todos os participantes da pesquisa. A observação precisa necessariamente ser controlada e sistemática, somente assim poderemos dizer que se trata de um instrumento válido e fidedigno. Para tanto, é preciso que antes que se iniciem as observações, se determine “o que observar” e “o como observar”. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.25).

Uma das vantagens do uso desse método é a possibilidade de um contato pessoal e estrito do pesquisador com o pesquisado. Dessa forma, o pesquisador cria um maior conhecimento da perspectiva do sujeito, além de contribuir para um entendimento do significado que esse sujeito atribui à realidade que o cerca e sua percepção.

Existem várias técnicas de observação que variam desde a observação participante até um completo distanciamento do pesquisador com o sujeito da pesquisa.

Durante a fase de observação desse estudo, foi adotado o caráter de “participante como observador”.

O “participante como observador”, segundo Junker (1971), não oculta totalmente suas atividades, mas revela apenas parte do que pretende. Por exemplo, ao explicar os objetivos do seu trabalho para o pessoal de uma escola, o pesquisador pode enfatizar que centrará a observação nos comportamentos dos alunos, embora pretenda também focalizar o grupo de técnicos ou os próprios professores. A preocupação é não deixar totalmente claro o que pretende, para não provocar muitas alterações no comportamento do grupo observado (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.29).

A observação participante é assim chamada, pois durante o procedimento, o pesquisador procura sempre ter um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado.

Posteriormente às observações, foi enviado um questionário com a “finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados” (ANDRÉ, 2009, p.28). A escolha pela aplicação do questionário se originou de uma conversa com as atletas, onde as mesmas afirmaram que algumas informações apenas elas detinham.

No que se refere aos diários de campo, Kozinets (2014) diz que mesmo com a utilização do método netnográfico, é amplamente recomendada uma postura por parte do pesquisador, em algum período da pesquisa, de observador participante. Dependendo do foco da pesquisa, devemos ponderar a necessidade de uma compreensão pessoal detalhada, aberta, descritiva e reflexiva. O autor afirma que, quando houver tal necessidade, essa pode ser atendida por meio de diários (observações presenciais) e questionários. Algumas informações desejadas pelo pesquisador não podem ser alcançadas pela estrita observação. Uma saída para esse problema seria então a utilização de entrevistas ou questionários. A idéia seria obter explicações fornecidas pelos próprios sujeitos investigados.

O questionário foi construído na plataforma *Google Drive*® e enviado por uma rede de sociabilidade virtual (grupo secreto no *facebook*®). O *Google Drive*® é um serviço online que nos dá oportunidade de criar documentos e compartilhar qualquer arquivo armazenado com outras pessoas em tempo real. De acordo com Ribeiro (2014), nessa ferramenta do *Google*® temos a possibilidade de construir questionários e armazenar todos os dados coletados no ambiente virtual. Segundo a autora essa é uma das grandes vantagens desse método, pois além de facilitar a coleta de dados, conseguimos fazê-lo com mais rapidez. Isso garante uma maior praticidade no processo, além de contribuir com um menor gasto com material da pesquisa. Outra grande

vantagem é a não identificação do sujeito pesquisado, o que possivelmente ajuda a não influenciar suas respostas.

#### **5.4 Procedimento**

A primeira etapa seguida foi o contato com as atletas, visando conhecer e familiarizar com os sujeitos da pesquisa. Após esse primeiro contato, as atletas ficaram cientes de todos os objetivos da pesquisa e suas justificativas. Sendo assim, foi solicitado para essas atletas que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que se pudesse dar início à pesquisa.

As observações foram realizadas durante as partidas de futsal feminino ocorridas no período dedicado ao INTERUNESP 2014 na cidade de Botucatu- SP. De acordo com André (2009) uma das características da pesquisa etnográfica é o trabalho de campo. Esse será o período destinado a aproximação do pesquisador com o grupo pesquisado, mantendo com eles um contato direto. Foi esse também o momento dedicado a descrição de situações, pessoas, ambiente, diálogos, que foram reconstituídos em transcrição literal em forma de diário de campo.

Erickson (apud ANDRÉ, 2009) propõe que a etnografia venha alcançando novos caminhos, e uma das tendências das novas pesquisas seja uma diminuição no distanciamento pesquisador – grupo pesquisado. Para André (2009) esses novos caminhos significam uma mudança epistemológica e metodológica. Uma das tendências citadas pelo autor para esses novos trabalhos etnográficos é o uso de arquivos interativos para troca de informações. Isso nada mais é que a transferência dos registros do pesquisador para um computador, contendo os relatos das experiências já registradas no diário de campo. Tais registros seriam armazenados e compartilhados para possibilitar e facilitar a troca de informações e a interação com os sujeitos participantes da pesquisa.

Uma vez realizadas as observações, foi criado dentro da rede social *facebook*®, um grupo secreto com a participação da pesquisadora e igualmente todos os sujeitos da pesquisa. Após a instalação do grupo, foi enviada a todos os participantes, por meio dessa rede social, a questionário. A pesquisa adotou uma classificação descritiva. De acordo com Gil (2008) pesquisas descritivas possuem como objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população.



### ***5.5 Análise de dados***

Miles e Huberman (apud GIL, 2008), apresentam três etapas a serem seguidas na análise de dados qualitativos: redução, exibição e conclusão/verificação.

Segundo os autores, a redução se consiste no processo de seleção e simplificação dos dados. “Essa etapa envolve a seleção, a focalização, a simplificação, a abstração e a transformação dos dados originais em sumários organizados de acordo com os temas ou padrões definidos nos objetivos originais da pesquisa” (GIL, 2009, p. 175).

A exibição seria a organização dos dados já selecionados, para que possa passar pela análise sistemática das semelhanças e diferenças e seu inter-relacionamento.

A etapa da “conclusão requer uma revisão para considerar o significado dos dados, sua regularidade, padrões e explicações. A verificação, intimamente relacionada à elaboração da conclusão, requer a revisão dos dados tantas vezes quantas forem necessárias” (GIL, 2009, p.176).

Dessa forma, para que se possa entender de que forma cheguei aos meus resultados e como foram nomeados os tópicos de apresentação e discussão, identifiquei três fases fundamentais do estudo etnográfico: o olhar, o ouvir e o escrever.

Os diálogos apresentados nos próximos capítulos (“A pesquisa durante as competições”; “Rio Claro X Marília”; “Rio Claro X Araçatuba”) traduzem o olhar que tive dos torcedores que assistiam a um jogo de futebol feminino, e o capítulo “O cyberbullying sob o olhar das atletas” se refere ao olhar das próprias atletas sobre esses torcedores, aqui incluindo os torcedores no ciberespaço.

Os dados foram analisados de maneira a envolver uma atividade reflexiva, o que resultou em um conjunto de notas de análise que guiaram o processo. Tais notas possibilitam registrar todo o processo, o que constituiu uma importante ajuda para o desenvolvimento conceitual. Dessa forma, os dados puderam, enfim, ser descritos e explicados.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 6.1 A PESQUISA DURANTE AS COMPETIÇÕES

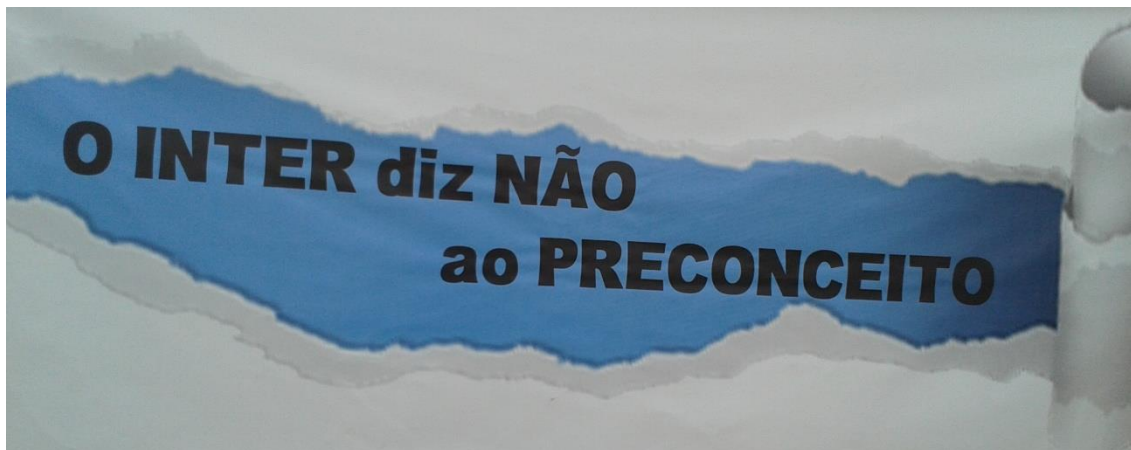


Figura 1: Foto tirada de um cartaz alocado na entrada do Ginásio Poliesportivo de Botucatu

Do dia 20 de novembro de 2014 a 23 de novembro de 2014 aconteceu, na cidade de Botucatu- SP, o Interunesp. Esse é um torneio de jogos universitários, que acontece uma vez por ano, e em cada ano é sediada em uma cidade diferente do interior paulista. Durante o evento são disputados jogos, de diversas modalidades, entre as equipes das UNESP distribuídas no estado de São Paulo. De todos os jogos conferidos durante o torneio, dois contaram com minhas observações. Tais jogos foram disputados pela equipe feminina de futsal da UNESP de Rio Claro, grupo estudado durante toda essa pesquisa. Os jogos foram realizados no dia 20/11/2014 às 10h20min, e 21/11/2014 às 13h30min. Ambos os jogos foram disputados no Ginásio Poliesportivo de Botucatu.

Para poder assistir aos jogos, eu me deslocava do alojamento das atletas, ao ginásio, de carona com o ônibus encarregado de levar as jogadoras para a disputa. Dessa forma, ao menos durante o trajeto, eu me sentia como parte da equipe. Conversava, dava força, ria e cantava com elas.

As observações foram registradas em um diário de campo, e seu espaço se resumiu essencialmente ao Ginásio Poliesportivo. Passei os dois jogos, sentada na arquibancada, fazendo minhas anotações. Dessa forma, tentei ao máximo escolher um local onde pudesse estar em contato com as torcidas das duas equipes. Sendo a técnica de observação empregada no estudo, a de “participante como observador”, as pessoas ali não compreendiam exatamente o que eu fazia, no meio dos jogos, com um caderno e uma caneta em mãos. Não sabiam, principalmente, o que eu tanto anotava naquele

caderno. Dessa forma, parecia que durante todo o tempo, causei certo tipo de estranheza nos demais torcedores.

Achei interessante, que logo na entrada no ginásio poliesportivo, já pude notar um cartaz com os seguintes dizeres: “O Inter diz não ao preconceito” (Foto 1), fato que me fez imaginar já ter havido acontecimentos passados ali, que fizeram referência a algum tipo de convencionalismo discriminatório.

O Ginásio por dentro era como qualquer outro ginásio esportivo. As torcidas sempre ficavam cada uma de um lado da quadra, e sempre dispunham de seus instrumentos de batuque e camisas da atlética de seu campus da UNESP.

Ao lado do Ginásio, encontravam-se as tendas onde ocorriam as festas do período da tarde. Talvez por esse motivo, os jogos realizados naquele local estavam sempre mais cheios que os que pude assistir em outras quadras, que não faziam parte dos jogos que contaram com minhas observações.

Descrito o evento, o local, as atividades e os sujeitos, passo agora a contar mais sobre esses dois jogos, sobre o que vi sentada na arquibancada, e o que ouvi entre conversas e gritos de torcedores.

## 6.2 RIO CLARO X MARÍLIA

Antes mesmo do início do jogo, já era possível perceber a agitação das duas torcidas. As atletas das duas equipes se encontravam nos vestiários, não sendo possível ser passíveis de observações. Talvez por ser aquele um espaço reservado para um jogo feminino, já pude presenciar, de imediato, certa predisposição a conflitos de gênero naquele ambiente, como pode ser observado nesse diálogo:

*“-Torcedora 1: O que você está fazendo, moça?”*

*-Pesquisadora: Uma pesquisa.*

*-Torcedora 1: Sobre o que?”*

*-Pesquisadora: Estou escrevendo sobre as torcidas nos jogos de futsal feminino.*

*-Torcedora 1: Moça, nem precisa observar. Eu já te falo o que vai acontecer. Escreve aí que eles acham nós, mulheres que jogamos futebol, somos sapatão. E assim moça, o tempo todo você vai escutar os meninos chamando as meninas de “biscate”. Maioria dos jogos a mesma coisa. Tem até um time, mas eu esqueci qual cidade que é, sabe? Os meninos ficam falando que vem só porque as meninas são*

*tão feias que jogam igual homem mesmo. Se você ficar aqui todos os jogos, só vai escutar xingamento.”*

O diálogo deixa claro que, mesmo que já tenha havido um aumento na participação das mulheres como atletas de futebol e futsal, isso não implica dizer que esse esporte deixou de ser uma área de domínio masculino. Quando a torcedora ressalta em sua fala que existe um jogo no qual, torcedores apenas assistem aos jogos, pois “as meninas são tão feias que jogam igual homem mesmo”, reforça a ideia de uma sociedade ainda hoje extremamente conservadora, em que mulheres não são bem-vindas a participarem de ambientes supostamente masculinos. Nessa perspectiva, auxílio-me do texto de Gollner (2005) para apresentar uma reflexão.

A autora, em seu trabalho, discute e critica o emprego da beleza e da erotização das mulheres, como mercadologia, para atrair o olhar do público para a modalidade do futebol feminino. De acordo com Hargreaves (apud SOUZA JUNIOR, et. al. 2009), o futebol é um esporte que não se adequaria a essa erotização, por existir um óbvio conflito entre as participações de mulheres nesse esporte e as imagens de feminilidade. Isso acaba tendo por consequência, a constante utilização da imagem de mulheres atuando em esportes “tidos como “mais apropriados” para elas – como o tênis, a ginástica, a patinação, a natação- para veiculação em revistas femininas, externando ainda o ideal de mulher objeto para satisfazer os desejos masculinos, por meios de fotos provocantes e sensuais” (SOUZA JUNIOR et. al., 2009, p.5).

Outra pesquisa que identificou o espaço dedicado aos desportos como ambientes generificados e generificadores e de reserva masculina, foi o de Silva et al. (2008). O estudo constatou que dentro das escolas, o espaço destinado às aulas de educação física, coloca meninos e meninas em confronto com seus corpos e com os dos outros. Segundo as autoras, esses corpos quando dispostos em atividades físicas, se confrontam ou cooperam. Dessa forma são “avaliados na sua performance por um prisma de crenças assentes em pressupostos biológicos que ditam a diferença entre os corpos delas e deles, diferença que se espriam, sustentando e reforçando a ordem de gênero.” (SILVA et. al. 2008, p7).

A pesquisa de Altmann (1998) também constatou que dentro das escolas, meninos ocupam um espaço amplamente maior aos das meninas, sendo que dentro das quadras essa divisão toma uma proporção ainda maior. Segundo a autora, é no esporte que meninos exercem domínio de espaço na escola, e que dentre todas as atividades, o

futebol é mais evitada por meninas, por ser esse o principal espaço masculino em uma escola.

Ao fazer a leitura desses dois trabalhos apresentados e também referir o diálogo exposto, o que me parece estar subtendido, é que quando estamos diante desses sujeitos e seus corpos, que correm, se movimentam e jogam, parece já haver uma expectativa, na crença que sustenta que, naturalmente, o corpo masculino, seja mais capaz e eficaz, de praticar essa atividade.

Outra situação que mostrou perceptível a construção social do corpo, ou a generificação do corpo no futebol, foi em outro diálogo, dessa vez com um torcedor do sexo masculino. Situação 2:

*“-Torcedor 2: O que você tanto escreve nesse caderno, menina?”*

*-Pesquisadora: Eu estou fazendo uma pesquisa.*

*-Torcedor 2: Sobre futebol?*

*-Pesquisadora: É sim.*

*-Torcedor 2: No Inter?*

*-Pesquisadora: Sim!*

*-Torcedor 2: Mas então você deveria pesquisar futebol de campo masculino.*

*-Pesquisadora: Mas por quê?*

*-Torcedor 2: Porque você falou que está pesquisando sobre futebol, não é? Isso aqui é, no máximo, uma pelada (risos)”*

O discurso desse torcedor evidencia a representação de uma hierarquia entre os gêneros nesse esporte. Algo que deve ser ressaltado nessa passagem, é que, a fala desse torcedor, que reflete o pensamento de muito dos outros torcedores presentes naquele ambiente, não impedia que aquelas meninas continuassem jogando seu futebol. Altmann (1998), ao perceber em seu estudo que, embora exista uma divisão de gêneros dentro futebol, essas fronteiras já haviam começado a sofrer certa ruptura, fez uma análise similar a essa realizada por mim. Um exemplo dessas rupturas, observada pela autora, era quando meninas, durante as aulas de educação física, se acreditavam em um jogo de futebol, mesmo que ao fazerem isso fossem chamadas de “Maria-homens” por seus colegas. Em razão a momentos como esse é que a autora diz que “os cruzamentos de fronteiras mostram a não dominação das meninas pelos meninos e a sua resistência ao domínio masculino dos espaços esportivos.” (ALTMANN, 1998, p.106).

Porém, vale ressaltar que não é somente no futebol feminino que podemos observar uma exclusão constante nesse esporte, haja vista que existem muito mais pretendentes homens a se tornarem atletas profissionais, do que cargo de trabalhos disponíveis. Essa exclusão é, na verdade, “uma rotina naturalizada pelo mundo da bola” (DAMO, 2007, p.139).

Esse autor reflete que, embora meninos que comecem a jogar futebol sonhem em um dia se tornarem profissionais, antes o que querem mesmo é se “fazerem meninos”, “pois o futebol no Brasil é marcado como um espaço privilegiado da homosociabilidade masculina; de certo modelo de masculinidade, bem entendido” (DAMO, 2007, p.141).

É nessa perspectiva que podemos acenar que o futebol é praticado no Brasil, antes de qualquer coisa, por questões de ordem simbólica, o que faz com que além de ser um esporte que acena a exclusão às mulheres, também gerencia uma espécie de constrangimento aos meninos.

Todos, meninos e meninas, são hostilizados no jogo, com a diferença que se espera dos meninos que eles permaneçam no jogo, de que eles se importem com as hostilidades e reajam a elas, que eles se sintam ridicularizados ao serem driblados por entre as pernas, que façam ameaças e, por vezes, as cumpram, e assim por diante. Trata-se de um reconhecimento dos códigos cujo ato implica, por si só, partilhar de um dado sistema de crenças. Jogos assim são classificados como “pegados” – com “porrada de parte a parte”; “bola rolando e pau comendo”; “joguinho duro”; “chuleado”; “marcação apertada”; “o bicho pegando”, entre outros. Teme-se que as meninas dêem a isso tudo uma significação diversa, importando-se pouco ou nada com o jogo que é jogado para além do jogo propriamente dito, enfim, teme-se que elas não sejam absorvidas pela dimensão simbólica desses jogos, que não tomem a sério” (DAMO, 2007, p.145).

É tomada desse pensamento que podemos concordar com os conceitos de Souza Junior et. al. (2009), quando os autores sustentam que “durante a história da humanidade não se pode negar que homens e mulheres sempre tiveram suas identidades vigiadas e concebidas pelas condicionantes culturais e sociais” (SOUZA JUNIOR, et. al. 2009, p.3).

No entanto, grande parte dos discursos e atitudes presenciados durante aquele jogo, deixa claro que, apesar do grande envolvimento da torcida, e do grande empenho e interesse das mulheres em praticar o futebol, ainda se é possível observar um domínio hegemônico masculino sob esse esporte.

Em meio a tantos registros e rabiscos em meu caderno, não consegui passar muito como despercebida. Torcedores e torcedoras ficavam sempre espiando por sob

meu ombro para saber o que eu tanto escrevia naquele caderno vermelho de capa dura. Depois de tantos gritos, hinos cantados e barulhos de tambores, o jogo chegou ao fim. O placar final foi Rio Claro 9 X 0 Marília. Logo ao fim do jogo, a torcida já se dispersou para o lado de fora do ginásio, já havia um ônibus a esperar os torcedores que iriam assistir a outros jogos em diferentes locais da cidade de Botucatu.

### 6.3 RIO CLARO X ARAÇATUBA

O jogo entre Rio Claro e Araçatuba foi realizado no dia 21/11/2014 às 13h30minh. Cheguei ao ginásio mais uma vez, acompanhada das atletas do time de Rio Claro. Quando chegamos, a torcida do time de Rio Claro já estava presente e todos cantavam uma música que dizia assim:

*Araçatuba só tem gostosa,  
Pena que não vieram!*

O jogo desse dia não contou com a torcida do time adversário e tampouco se ouvia o barulho dos tambores, algo que se mostrou marcante no jogo do dia anterior. Por outro lado, a arquibancada do time de Rio Claro contava com caixa de som, microfone, alto-falante, e muitos torcedores.

Ainda no primeiro tempo da partida, a goleira do time de Rio Claro machucou o nariz, que começou a sangrar. Devido a esse episódio a atleta começou a chorar, ocorrência que gerou um tumulto entre os torcedores que logo começaram a gritar:

*-“Oh “firula”! Levanta! Vai ficar ai pagando de mulherzinha?”*

Nesse momento o jogo foi interrompido por 15 minutos, e durante esse período um torcedor do time de Rio Claro caiu na arquibancada, sofrendo um preocupante acidente. Em decorrência a isso, toda a atenção da torcida ficou voltada para o torcedor. As pessoas envoltas a mim começaram a fazer piadas:

*“-Caiu de amores pela beleza das jogadoras de Araçatuba”*

*“-Mulher jogando é tão sem graça, que perde para o tombo do menino”*

Após os 15 minutos interrompidos, o jogo voltou e correu normalmente até o momento do apito final.

Convivendo esses dois dias com todos esses torcedores pude perceber uma inegável violência contra essas meninas jogadoras de futebol. O bullying ilustrado no capítulo 4.4, ficou evidente diante todos os diálogos e alvoroços presenciados naquele espaço.

No entanto, a trajetória percorrida por essas meninas para conseguirem estarem presentes naquele espaço, apresentando os seus jogos e ultrapassando as barreiras do preconceito, é uma forma de resistência para ocuparem e permanecerem nesse lugar, pois essas atletas sem mostraram dispostas, a despeito de todos os pesares, a enfrentar diversos obstáculos maciços de episódios e discursos de ódio e preconceito de gênero.

Quanto à fala dos torcedores ao se referirem à beleza das jogadoras, acordo com Goellner (2005), quando a autora aponta que a pouca visibilidade conferida às mulheres no futebol brasileiro provém da associação feita, socialmente e culturalmente, entre futebol, a masculinização da mulher e a naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece que as mulheres não possam ferir as três dimensões de ser bela, ser feminina e ser mãe. São esses argumentos que se encontram imbricados na fala dos torcedores, no velho discurso que mulher e futebol são incompatíveis.

Outra passagem que também ilustra essa afirmação de Goellner pode ser encontrada no trabalho de Knijnik e Vasconcellos (2003), quando os autores nos contam como foi realizada a seleção de atletas do Campeonato Paulista de Futebol Feminino de 2001. Neste ano a Federação Paulista de Futebol decidiu reeditar o Campeonato Paulista de Futebol, promovendo assim ampla divulgação na mídia, com matérias em jornais do Estado, e anunciando que os jogos seriam televisionados ao vivo, em canal aberto.

Porém, as condições para as atletas participarem desse evento, não eram as que se espera de uma “peneira” ou pré-condições de campeonatos esportivos. Ao contrario, as atletas eram selecionadas mais em razão de seus atributos físicos, que em ensejo de suas qualidades técnicas e táticas, pois os dirigentes da FPF garantiam um campeonato bom e bonito que unisse o “futebol à feminilidade”. Dessa maneira, meninas que tinha o cabelo raspado, ou que tinham mais de 23 anos, foram excluídas do campeonato.

Todas essas formas de controle dos corpos dessas mulheres acenam para um fenômeno social que visa o governo político dos comportamentos gregários dos corpos humanos em contextos públicos e privados da sociedade.



Amparando essa ideia, podemos encontrar no trabalho de Silva (2008), o conceito da relação entre corpo e poder de Michel Foucault. Apresentando algumas obras de Foucault como uma análise sobre o poder, o autor considera que a organização social está amparada pelas “microrrelações de dominação que se encontram estrategicamente construídas e fortalecidas pelos espaços institucionais, garantidores de estabelecerem, a partir do século XVII, formas de controle sobre os indivíduos, tendo como lugar, os seus corpos” (SILVA, 2008, p.87).

Barbieri (apud KNIJNIK e VASCONCELLOS, 2003) expõe que essa necessidade de controle do corpo da mulher, aponta para um controle e direção do seu próprio trabalho, demonstrando uma necessidade daqueles que não querem que estas possam ter o controle da sociedade ou não exijam o reconhecimento de suas funções.

Apreciando todas as anotações realizadas durante esses jogos, entendo que as ações que fazem alusão aos comportamentos presentes no fenômeno bullying, tais como o preconceito de gênero, continuam visíveis nos valores e comportamentos de nossa sociedade, e que apesar dessas questões dificultarem a participação do corpo mulher na prática do futebol, isso não limita a presença dessas atletas em seus jogos.

#### 6.4 O CYBERBULLYING SOB O OLHAR DAS ATLETAS

Após as observações realizadas durante aquela competição, acredito que tenha ficado claro que mesmo o futebol sendo um esporte capaz de promover grandes oportunidades e conquistas, para as mulheres, ele é também gerador de conflitos e atitudes desrespeitosas que vão contra os valores da referida atividade esportiva.

Ao detectar que a vertente socializadora do futebol feminino favorece o comportamento dos torcedores expressos no fenômeno bullying, me propus a averiguar, com essas atletas, se essa conduta também é pertinente no mundo virtual. Isso porque, as novas tecnologias nos permitem a comunicação a distância, o que possibilita esse tipo de socialização e interação com outras pessoas, de maneira não presencial.

Das onze atletas para quais enviei o questionário, obtive a resposta de sete. A primeira, das oito perguntas destinadas no questionário, era: “Há quanto tempo você pratica futebol?”. As respostas variaram bastante, como pode ser observado no quadro abaixo.

|                      |
|----------------------|
| Desde os meus 6 anos |
| 14 anos              |
| 10 anos              |
| 13 anos              |
| 10 anos              |
| 20 anos              |
| 13 anos              |

A pergunta veio apenas como configuração de conhecimento de há quanto tempo essas mulheres viviam o imaginável dilema de serem jogadoras de futebol, e ao mesmo tempo, terem de divulgar uma postura feminina, ou que culturalmente e socialmente julgamos como feminina, frente aos novos meios de comunicação.

Assim sendo, as seguintes perguntas do questionário, tiveram a preocupação de identificar e analisar através dos discursos dessas atletas a possível existência do *cyberbullying* relativo às questões de gênero dentro do espaço da rede social facebook.

Dessa forma, foram elaboradas as seguintes perguntas geradoras para incitar os pensamentos e discursos dessas atletas:

- 2- Você acha que existe algum tipo de preconceito referente às mulheres que praticam essa modalidade esportiva?
- 3- Você já sofreu, alguma vez, algum tipo de preconceito por praticar futebol?
- 4- Se sim, alguma vez esse preconceito veio por meio da internet ou algum tipo de dispositivo tecnológico?
- 5- Você costuma postar fotos ou status sobre seus jogos ou treinos em suas redes sociais?
- 6- Se sim, alguma vez já recebeu algum comentário maldoso ou que você não tenha gostado de alguma forma, em qualquer uma delas?
- 7- Se isso aconteceu, qual foi sua reação?
- 8- Há algo mais que você gostaria de relatar?

Das atletas que responderam ao questionário, cem por cento disseram existir preconceitos referentes às mulheres que praticam futebol. Há exemplo, exponho a resposta de duas delas:

*Atleta 3: “Com certeza existe preconceito. Infelizmente o futebol ainda é visto como um esporte masculino”*

*Atleta 7: “Existe preconceito sim, tanto em relação à prática quanto ao estereótipo.”*

Porém, duas delas disseram nunca ter “sentido na pele” esse tipo de preconceito, como observado nas repostas da terceira pergunta do questionário:

*Atleta 2: “diretamente nunca sofri preconceito.”*

*Atleta 4: “Eu particularmente não.”*

Em contrapartida, as cinco outras atletas disseram já ter sofrido muito preconceito em implicação a prática da modalidade, alegando até mesmo ser algo um tanto quanto normal ou recorrente.

As repostas dessas atletas são sintomáticas, pois denunciam que, de forma errônea, ainda é explícita a associação feita entre o corpo masculino e o futebol, implicando a predominância de homens nesse esporte.

Relacionando as repostas das atletas com minhas observações, podemos constatar que mulheres futebolistas ainda são vistas perante uma ideologia machista e patriarcal. Giarola (2003), igualmente averiguou em seu estudo, que é esperado que mulheres jogadoras de futebol apresentem uma postura mais feminina como atração principal, pois essas devem ser vistas como um ser delicado e frágil.

Ao perguntar se alguma dessas ofensas surgiu por meio de algum dispositivo tecnológico, o que configuraria o cyberbullying, todas alegaram que nunca sofreram qualquer tipo de ofensa advindas desses recursos. O que se tentava averiguar era se essas atletas já experimentaram dessa nova maneira de sofrer a prática do bullying, o que mudaria qualitativamente as regras da agressão entre pares.

Em contrapartida, se foi alegado que mesmo essas ofensas não tendo sido direcionadas a essas atletas, elas ainda assim se sentiram por vezes ofendidas com algumas publicações assistidas no ambiente virtual.

*Atleta 7: Algumas vezes esse preconceito não foi direto, ou seja, me senti ofendida por ver alguma coisa referente ao assunto na mídia. Porém o preconceito direto em nenhum caso foi por meio da internet ou de dispositivo tecnológico.*

Uma provável razão pra essas atletas já terem experimentado o preconceito de forma presencial, e também o testemunhado através da mídia, porém nunca terem sofrido essa violência em suas próprias postagens no mundo virtual, pode ser encontrado no fato de suas redes sociais apresentarem uma política de dados que protege suas privacidades. Ou seja, apesar dessas mulheres alegarem compartilhar suas fotos e status na internet, elas apenas expõem esses dados para aquelas pessoas que acolhem em suas redes através de solicitações de amizade. Dessa forma, apesar de terem suas vidas compartilhadas no mundo online, elas ainda possuem certo grau de privacidade.

O conceito de estigma instituído por Erving Goffman (1922-1982) nos ajuda a pensar essa razão descrita acima. Para esse pensador, estigma seria um processo estabelecido pelo meio social. De acordo com Siqueira e Cardoso (2011), para Goffman, a sociedade estabelece como as pessoas devem ser, tornando esse dever como natural e normal ante todos que a compõem. “A relação social cotidiana em ambientes já estabelecidos propicia um relacionamento entre pessoas previstas e esperadas a tal lugar, sem atenção ou reflexão particular umas as outras” (SIQUEIRA E CARDOSO, 2011, p.4). A relação pré-estabelecida faz com as pessoas *normais* prevejam as categorias e atributos de um estranho que se aproxima, pelo meio de seus primeiros aspectos. Essas pré-concepções, organizadas pelos “normais”, se transformam em “expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso” (GOFFMAN, 1988, p.12). Um fato curioso, é que, até o momento em que nasça uma questão que exija a realização de uma exigência, os “normais” ignoram que são produtores dessas pré-concepções. “É nesse momento que os normais podem perceber que fazem afirmação daquilo que o outro deveria ser” (SIQUEIRA; CARDOSO, 2011, p.5).

Assim sendo, as pessoas *normais* afastam as pessoas estigmatizadas, pois enxergam nelas um perigo iminente. Restringir o número de pessoas que possui acesso as suas redes sociais, é uma maneira de evitar os riscos de ataque de cyberbullying, uma vez que já foi constatado por essas atletas que algumas pessoas não aceitam, insultam e tratam com desrespeito suas escolhas em praticar o futebol. Na falta dessa política de privacidade, o que poderia acontecer é um estigma que colocaria essas atletas no papel de vítima de cyberbullying.

Daud e Tognetta (2015) analisam em seu trabalho que o que jovens que sofreram bullying e cyberbullying possuem em comum, é o estigma que as colocaram no papel de

vítima. Os autores alertam que, ao contrário do que se imagina, o bullying e o cyberbullying não são fenômenos restritos ao ambiente escolar. “São problemas que se tornaram cotidianos, se normatizando através da naturalização de suas práticas. Manifestam-se, inclusive na Universidade” (DAUD; TAGNETTA, 2015. p.21).

O quadro exposto pelas atletas que divulgam já terem se sentido ofendidas por presenciarem o preconceito em relação à prática de futebol feminino na mídia, pode ser demonstrado em uma página da internet do site IG, que tem como título de matéria: “As 40 jogadoras mais gatas da copa do mundo de futebol feminino de 2015”. Tal página é a primeira a aparecer no site de busca Google, quando buscamos pelas palavras chaves “jogadoras de futebol feminino”. A matéria ainda apresenta alguns comentários de leitores que escrevem coisas como: “Tudo um bando de sapatão” (R.C, 15/06/2015 às 17h59min).

Outras notícias vinculando o preconceito ao futebol feminino podem ser com facilidade, encontrada nesse site de busca. Como exemplo, podemos citar as seguintes reportagens: “Preconceito mata o futebol feminino: lamenta técnico da seleção brasileira” (CAMPOS, 2014); “Futebol feminino luta contra o preconceito” (OZAIR JUNIOR, 2015); “Ex-jogadoras se unem para combater preconceito no futebol feminino” (FREITAS; LEITE, 2014); “No país do futebol, preconceito ainda impõe barreiras à pratica feminina” (MORAES, 2006); “Mulheres no esporte: falta divulgação e sobra preconceito” (AMORIM, 2013).

O amplo espaço destinado ao futebol nas diferentes mídias lhe atribui um poder coercitivo sobre o sujeito. Dessa maneira, quando averiguamos que, grande parte das notícias que discursam sobre o futebol feminino, traz consigo uma espécie de denuncia sobre o preconceito que o engloba, percebemos ser de extrema importância os estudos de gênero que trabalham de maneira a romper as profundas estruturas sociais que subjagam as mulheres.

A última questão do questionário deixava um espaço aberto para que as atletas pudessem relatar algo mais que quisessem relatar sobre o assunto. Apenas as atletas 2 e 4 quiseram emitir algo nesse momento:

*Atleta 2: Geralmente o preconceito vem durante os jogos por xingamento da torcida adversária.*

*Atleta 4: Já passou da hora do futebol quebrar esse preconceito relacionado ao gênero. Não existe essa de algo ser apenas para homens ou mulheres. Temos que ser respeitadas dentro do futebol.*

Esses discursos apontam para a vontade dessas mulheres de permanecerem nesse esporte, mesmo com a consciência de esse ser mais um campo onde o machismo e o preconceito ainda persistem. A prática do futebol feminino, como já foi descrito anteriormente, sempre passou por adversidades e dificuldades aqui no Brasil, país empregador de uma cultura sexista, nesse âmbito em particular. Essas atletas escolheram seguir nesse esporte mesmo ciente desse preconceito, sofrido na pele, ou assistido por meio das novas mídias de comunicação.

As respostas ao questionário foram apresentadas de forma lacônicas. Dessa forma é importante aqui, assumir a limitação desse instrumento de coleta de dados. A ideia de uma pesquisa netnográfica, surgiu da expectativa de que, dessa maneira as atletas se sentissem a vontade para se exporem em suas respostas, fato que não aconteceu. É de se considerar que se a pesquisadora estivesse presente na hora de adquirir as respostas das atletas, utilizando a entrevista como instrumento de coleta de dados, as respostas tivessem sido menos evasivas.

A motivação em atletas mulheres para a prática do futsal já foi estudada por pesquisadores tais como Paim (2011) e Rosolen (2006). Paim (2011) constatou que os principais fatores que levavam as meninas a praticar o esporte, eram a supervalorização da categoria saúde, seguida por amizade/lazer. Já o estudo de Rosolen (2006), as primeiras categorias ficaram com “jogar em equipe”, seguido de “diversão”

Felizmente, podemos observar que a falta de apoio da mídia e sociedade, não impediram essas atletas a prática do futebol. Porém, o que essas garotas anseiam é que a visibilidade das mulheres no esporte possa evoluir ainda mais, e que suas conquistas sejam equiparadas as dos homens quando referenciadas ao mesmo esporte.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já dizia Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher.”. Refletindo sobre essa citação, como também interpretando as respostas das mulheres ao questionário e observando seus jogos, consigo entender uma dimensão paradoxal, constituída pela experiência dessas mulheres no mundo do futebol, um mundo reservado para os homens.

É nesse sentido que concordo com Rodrigues (2015), quando a autora diz que “o corpo biológico de uma fêmea torna-se mulher a partir da cultura, e não de regras até então tidas como naturais”. (RODRIGUES, 2015, p.16). Essas mulheres futebolistas, que participaram dessa pesquisa, conseguiram uma maneira de resistir às molduras e modelos do ser humano, que, como já havia muito bem enunciado Butler (1998), são formas arbitrárias de referenciar o que é, ou que não é belo, se apresenta, como mais um, dentre tantos meios inventados para governar os seres humanos.

Entrelaçando o resultado da pesquisa com o referencial feito nos capítulos anteriores, conseguimos perceber que mesmo com a revogação da lei discriminadora, a presença do corpo feminino no futebol continua sendo discriminada.

Foi percebido nesse estudo, que os preconceitos para com os gêneros dentro do universo do futebol, não se restringem apenas às violências físicas ou presenciais, mas também às variadas violências simbólicas encontradas dentro do ciberespaço. Embora o cyberbullying não tenha sido constatado como atingido de forma direta às participantes dessa pesquisa, foi relatado o desconforto dessas atletas para como o futebol ainda é tratado pela mídia quando referindo as mulheres.

Esse estudo buscou investigar as expressões do cyberbullying nas relações de gênero entre atletas mulheres pertencentes ao time de futsal da Universidade Estadual Paulista – Julio de Mesquita Filho, que sejam integrantes da rede social facebook®, e os demais integrantes dessa sua rede social, e fica importante ressaltar que tal fenômeno não foi localizado.

De toda forma, a pesquisa mostrou que a transposição da imagem da atleta de futebol feminino para os novos meio de comunicação é exatamente igual ao meio tradicional. Para termos uma dimensão disso, podemos lembrar que na quarta-feira, dia 09/12/2015, Marta Vieira da Silva, a jogadora Marta da seleção brasileira de futebol feminino, atingiu a marca de 98 gols pela seleção, batendo o recorde de Pelé, maior

artilheiro da seleção masculina, com 95 gols, e conhecido por todo o mundo, como Rei Pelé.

Porém, se por um lado temos toda a glória de termos um Rei no futebol, por outro lado, temos uma mídia que pouco deu destaque para uma notícia como essa. Além do mais, quando a notícia foi dada por meio de páginas da internet, pudemos encontrar comentários agressivos e violentos de alguns telespectadores, tais como: "Fala sério... torneiosinho fuleiro que timinho de Zé ninguém... jogar com mulher ai é fácil jogar" (Página da UOL, 13/12/2015).

Dentre as preocupações que envolveram a pesquisa estava a imprecisão se essas mulheres sofriam na pele o preconceito de gênero por serem atletas de futsal. Contudo foi identificado que, embora mulheres suportassem xingamentos e exclusão por suas escolhas no mundo esportivo, elas identificaram uma maneira de essas agressões não se entenderem para o ciberespaço.

Quando ignoramos ou julgamos como irrelevante essa violência encontrada dentro dos meios de comunicação nos tornamos cúmplices de uma forma de discriminação da mulher fundada em preconceitos de gênero, transgredindo conceitos fundamentais dos direitos humanos.

No entanto, encontramos nessas atletas a resistência a esse padrão, caracterizando certas rupturas nas representações de gênero. Exemplo disso é quando uma atleta, mesmo já tendo sofrido bullying pela prática do futebol, ainda assim expande seus jogos para o ciberespaço, mesmo intimidada pela maneira como a mídia ainda trata essas atletas. Não é a toa que essas meninas insistem em realizar seus jogos e divulgá-los em suas redes sociais. Elas acreditam em um futuro onde haja uma realidade melhor em relação à opressão e discriminação.

A mudança exigida aqui é de consciência coletiva. E esta apenas se dá através da educação. Para tanto, é considerado de extrema importância a presença da igualdade de gênero nas políticas educacionais e no cotidiano da escola. É imprescindível que comecem a estabelecer estratégias para que a igualdade de gênero possa estar presente no currículo e no planejamento pedagógico dessas escolas.

Ainda encontra-se em estágio incipiente os trabalhos que relacionem o bullying e o cyberbullying aos estudos a respeito de desigualdade de gênero no esporte. São necessários novos estudos sobre essa temática que abranja um número superior de atletas e de postagens no ciberespaço. Portanto sugiro que estudos futuros sejam realizados focando nas publicações de atletas de alto nível, que possuam um número



maior de publicações e que possuam suas redes sociais em formato de visualização pública. Outra sugestão é uma pesquisa que abarque as publicações postadas por jornais e revistas virtuais, que expressem sobre o futebol feminino no Brasil.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. 1998.108f. Dissertação (mestrado em educação) – Faculdade de educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

AMADO, J; MATOS, A; PESSOA, T. Cyberbullying: um novo campo de investigação. IN: CONGRESSO INTERNACIONAL GALELO- PORTUGUÊS DE PSICOLOGIA, X. 2009, Braga. **Anais...** Braga: Universidade do Minho, 2009. p.262-273.

AMORIM, Q. **Mulheres no esporte: falta divulgação e sobra preconceito**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/esportes/noticias/?p=157732>>. Acesso em: 02 dez. 2015.

BATISTA, E. H. M. **Bullying e diferenças: a busca por um olhar ampliado**. 2011. 177f. Dissertação (Mestrado em educação) – Faculdade de educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

BERNARDES, T. S; MARTINS, C. J. Panorama da Constituição dos Estudos de Gênero na Educação Física a Partir uma Amostra de seus Periódicos. IN: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: DISCUTINDO PRÁTICAS EDUCATIVAS, III. 2007, Porto Alegre. **Anais...** UFRGS- Porto Alegre- RS, 2007.

BORDO, S. R. O Corpo e a Reprodução da Feminidade: Uma Apropriação Feminista de Foucault. IN: JAGGAR, A. M; BORDO, S. R. **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro. Record: Rosa dos Tempos. 1997.

BUTLER, J. Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.11, p.11-42, 1998.

CONTRERA, M. S. **Mídia e Pânico: Saturação da Informação, Violência e Crise Cultural na Mídia**. São Paulo: Annablume, 2002.

DARIDO, S. Futebol feminino no Brasil: do seu início a prática pedagógica. **Revista Motriz**, Rio Claro, V.8, n.2, p.43-50, 2002.

DAUD, R. P; TOGNETTA, L. R. P. Um estigma entre nós. **UNESP Ciência**, São Paulo, n.69, p.18-25, 2015.

DEZAN, F. F. **Corpos Modernos e Vigorexia na Rede Social Virtual: Ideais Midiáticos e suas Influências na Imagem Corporal Masculina**. 2011. 107f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias). Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 2011.

DO UOL. **Depois de passar Pelé, Marta chega a 100 gols pela seleção brasileira**. 13/12/2015. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/esporte/2015/12/13/depois-de-passar-pele-marta-chega-a-100-gols-pela-selecao-brasileira.htm>>. Acesso em: 15/12/2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Exposição mostra quando futebol feminino era clandestino no Brasil.** 20/5/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/05/1631227-exposicao-em-sao-paulo-resgata-historia-do-futebol-feminino-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 02. Dez. 2015.

FRANCO JUNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.25, n.50, jul/dez 2005.

FREITAS, O; LEITE, P. **Ex-jogadoras se unem para combater preconceito no futebol feminino.** São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2014/07/1481251-ex-jogadoras-se-unem-para-combater-o-preconceito-no-futebol-feminino.shtml>> Acesso em: 02 dez. 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. Edição. São Paulo: Atlas, 1994.

GIAROLA, W. A. **Corpo mulher no esporte: a questão da prática do futebol.** 2003. 155f. Dissertação (mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, UNIMEP, Piracicaba, 2003.

GOELLNER, S. V. Gênero, Educação Física e Esportes. Do que Falamos Quando em Gênero Falamos? In: VOTRE, S. **Imaginário & Representações Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer.** Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001. p.215-227.

\_\_\_\_\_. A Educação dos Corpos, dos Gêneros e das Sexualidades e o Reconhecimento da Diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Curitiba, p.71-83. Mar.2010.

\_\_\_\_\_. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem historia. **Pensar a prática**, Goiás, V.8, n.1, p. 85-100, Jan./Jun. 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Tradução de Mathias Lambert. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC editora, 1988.

KNIJNIK, J.D.; VASCONCELLOS, E.G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, J.R. **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte.** São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: Realizando Pesquisa Etnográfica Online.** Porto Alegre: Penso, 2014.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: A Arma Secreta Dos Profissionais De Marketing.** Março/2010. Disponível em: <[http://bravdesign.com.br/wp-content/uploads/2012/07/netnografia\\_portugues.pdf](http://bravdesign.com.br/wp-content/uploads/2012/07/netnografia_portugues.pdf)>. Acesso em: 29 jul. 2014.

LIMA, A. M. A. **Cyberbullying e outros riscos na internet**: Despertando a atenção de pais e professores. Rio de Janeiro: WAK, 2011.

LOURO, G. L. Gênero e Sexualidade: Pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, V.19, n.2, p.17-23, maio/ago. 2008.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pos estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 99p.

MELIM, F. M. O; PEREIRA, B. O. Prática desportiva, um meio de prevenção do bullying na escola? **Movimento**, Porto Alegre, p. 55-77, jan. 2013.

MORAES, A. **No país do futebol, preconceito ainda impõe barreiras à pratica feminina**. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/repgs/2006/pags/030.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2015.

MORÃO, K. G; SCHIAVON, M; MACHADO, A. A. A ocorrência de bullying no futebol e sua influência no abandono esportivo. **Coleção Pesquisa em educação física**, Rio Claro, Vol.10, n.6, p. 25-32, 2011.

MOREL, M; SALLES, J. G. C. Futebol feminino. In: DaCosta, L. **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFED, 2006. p.264-265.

MURAD, M. **A violência no futebol**. São Paulo: Benvirá, 2012.

OLIVEIRA, F. F; VOTRE, S. J. Bullying nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n.02, p.173-197, mai./ago. 2006.

OLIVEIRA, H. **As 40 jogadoras mais gatas da copa do mundo de futebol feminino de 2015**. 15/06/2015. Apresenta fotos de atletas de futebol feminino. Disponível em: <<http://obutecodanet.ig.com.br/index.php/2015/06/15/as-40-jogadoras-mais-gatas-da-copa-do-mundo-de-futebol-feminino-de-2015/>>. Acesso em: 01/12/2015.

OZAIR JÚNIOR. **Futebol Feminino luta contra preconceito**. São José do Rio Preto, 2015. Disponível em: <<http://www.diariodaregiao.com.br/esportes/futebol-feminino-luta-contr-o-preconceito-1.9003>>. Acesso em: 02 dez. 2015.

PAIM, M. C. Motivos que levam adolescentes a prática do futebol. **Revista Digital**, Buenos Aires, Ano 7, n.43, Dez. 2001. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 05 jan. 2016

PATRICIO, R; GONÇALVES, V. Facebook: Rede Social Educativa? **Biblioteca Digital do IPB**. Escola Superior de Educação. 2010. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/3584>>. Acesso em: 10/mar. 2014.

PEÇANHA, M. B; DEVIDE, F. P. **A prática pedagógica em relação ao bullying homofóbico nas aulas de educação física escolar**: o discurso dos docentes do primeiro segmento do ensino fundamental. 2010. Disponível em:

<[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1267819576\\_ARQUIVO\\_Textocompleto.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1267819576_ARQUIVO_Textocompleto.pdf)>. Acesso em: 10/mar. 2014.

PEREIRA, S. **“Preconceito mata o futebol”, lamenta técnico da seleção brasileira**. São José dos Campos, 2014. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2014/11/preconceito-mata-o-futebol-feminino-lamenta-tecnico-da-selecao-brasileira.html>>. Acesso em: 02 dez. 2015.

PFISTER, G. As mulheres e os jogos olímpicos: 1900-97. In: DRINKWATER, B. L. **Mulheres no esporte**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogans S. A, 2004

PINTO, V. B; NETO, C. S; COSTA, M. F; BEZERRA, F. M. P; SOBRINHO, H. C; CYSNE, M. R. F. P. **“Netnografia”: Uma Abordagem Para Estudos de Usuários no Ciberespaço**. IN: ACTAS Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. nº9, 2007. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/582>>. Acesso em: 02 dez. 2015.

RIBEIRO, L. B. **Lesões Em Atletas De Voleibol: Uma Análise Da Motivação**. 2014. 65 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias)- Instituto de Biociência, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014

RODRIGUES, C. Tornar-se mulher, devir feminista. **CULT- Revista Brasileira de Cultura**, São Paulo, n.207, p-16-17, 2015.

RODRIGUES, F. X. F. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, n.11, p.260-299, 2004.

ROSOLEN, M. **Futsal Feminino**: A motivação para o esporte em atletas universitárias de futsal feminino. 2006. Disponível em: [HTTP://www.ftsalbrasil.com.br/artigos/artigo.php?cd\\_artigo=143](HTTP://www.ftsalbrasil.com.br/artigos/artigo.php?cd_artigo=143) Acesso: 17 jan. 2016.

SANTOS, E. C. **Um Jeito Masculino de Dançar: Pensando a Produção das Masculinidades de Dançarinos de Hip-Hop**. 2009.124 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SANTOS NETO, J. M. **Visão do jogo- primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SCOTT, J. W. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, V.20, nº2, jul./dez.1995, p.71-99.

- SEGURA-RAMIREZ, H. F. Por um pensamento relacional: Norbert Elias, Pierre Bourdieu e a relação sujeito/objeto. **Temáticas**. Campinas, V.9, p.157-171, jan/dez. 2001.
- SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- SILVEIRA, R. **Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino**. 2008. 156f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- SIQUEIRA, R. C; CARDOSO JR. H. R. **Discussão conceitual de estigma aludindo o conceito fundador de Goffman e de autores que pautaram suas ideias a partir dele**. Assis: Universidade Estadual Paulista UNESP. 2011. Disponível em: < <http://www.fundepe.com/novo/ivsief/trabalhos/3320%20-%20Ranyella%20Cristina%20de%20Siqueira.pdf> > Acesso em: 5 jan. 2016.
- SOUZA JÚNIOR, O. M. **Futebol como projeto profissional de mulheres: Interpretações da busca pela legitimidade**. 2013. 329f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- SOUZA JÚNIOR, O. M; DARIDO, S. C. A Prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Revista Motriz**, Rio Claro, Vol.8, n.1, p. 1-9, Jan-Abr. 2002.
- SOUZA JÚNIOR, O. M; REIS, H. H. B. O canto das sereias: Migrações e desafios de meninas que sonham ter o futebol como profissão. In: FAZENDO GÊNERO, 9. 2010, São Carlos. **Anais...** São Carlos: UFSCAR, 2010, p.1-9.
- TEIXEIRA, G. **Manual antibullying: para alunos, pais e professores**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.
- VIANA, A. E. S. **As relações de gênero em uma escola de futebol: quando o jogo é possível?** 2012. 132f. Dissertação (mestrado em educação física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- WENETZ, I. Gênero, Corpo e Sexualidade: Negociações nas Brincadeiras do Pátio Escolar. **Cad. Cedes**, Campinas. Vol.32, n.87, p.199-209, maio/ago. 2012.

**ANEXOS**

*ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)*

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE)  
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)**

Meu nome é Renata de Andrade Teixeira, R.G.: MG 13.668.110, telefone 37 9113-6225, aluno da pós-graduação da UNESP (mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias), sob orientação do Prof. Dr. Carlos José Martins, da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Gostaria de convidar a senhora, como atleta integrante da equipe de Futsal Feminino da Universidade Estadual Paulista- Julio de Mesquita Filho- Rio Claro, a participar de uma pesquisa intitulada: **“A MULHER NO FUTEBOL: O CYBERBULLYING NO CONTEXTO DE GÊNERO”**. O objetivo principal desta pesquisa é Investigar as possíveis expressões do *cyberbullying* nas relações de gênero entre atletas do sexo feminino pertencentes ao time de futsal da Universidade Estadual Paulista – Julio de Mesquita Filho, que sejam integrantes da rede social facebook, e os demais integrantes dessa sua rede social.

Essa pesquisa se justifica em virtude da necessidade de se descobrir as possíveis inter-relações entre os comportamentos violentos do *cyberbullying* com as representações de gênero presentes no ciberespaço, podendo assim, propiciar uma contribuição teórica e empírica a respeito do assunto, além de colaborar para uma maior visibilidade dessa questão.

Caso a senhora aceite participar desse estudo como voluntária será solicitada a responder a uma entrevista e me conceder a permissão para acompanhamento integral durante sua participação como atleta nos jogos disputados por sua equipe no INTERUNESP. Durante o acompanhamento, serão feitas observações relatadas em um diário de campo. A entrevista será disponibilizada através de um link divulgado no grupo “Futebol Feminino UNESP pesquisa”, em uma rede social virtual (facebook), e será feito em uma data pré-agendada.

Dada natureza da pesquisa os riscos relativos à sua participação são mínimos, considerados aqui como algum constrangimento referente às perguntas da entrevista ou durante as observações. Para minimizar os eventuais riscos a senhora terá a garantia que não serão emitidos juízos de valor sobre as respostas dadas e, além disto, a senhora poderá se recusar a responder qualquer questão que julgar



constrangedora, sem que isto lhe cause qualquer prejuízo ou penalidade. A senhora não será remunerado e não terá nenhuma despesa para participar desta pesquisa.

A senhora poderá ter acesso aos resultados da pesquisa. Isso ajudará a ter uma maior visibilidade sobre o atual cenário do futebol feminino brasileiro, realidade em que se encontra inserida. Quanto aos benefícios inerentes da pesquisa, essa se pode mostrar eficaz para um melhoramento no que diz respeito em ampliar as discussões acerca do tema em questão, podendo servir de subsídio para reflexões de educadores, atletas, técnicos e a sociedade em geral de modo a enfraquecer as relações hierárquicas de gênero, localizadas dentro futebol feminino brasileiro, para que assim esse esporte não seja mais um reprodutor de estereótipos sexuais socialmente construídos

A senhora também pode optar pela possibilidade de procurar pelo Comitê de Ética em Pesquisa CEP/IB através do numero (019) 3526 9678, a fim de esclarecer possíveis dúvidas.

As informações coletadas por meio da entrevista e observações serão confidencialmente estudadas e serão utilizadas somente para fins de pesquisa e possível publicação em revistas científicas e apresentação em congressos. A coleta acontecerá pelo instrumento denominado Google Drive®, que impossibilita o reconhecimento do pesquisado. Dessa forma não será gravada por meio de áudio, e sim de forma escrita e enviada de volta ao pesquisador. Os pesquisadores garantem a confidencialidade dos dados coletados, no entanto, na remota hipótese de quebra de sigilo a pesquisa será interrompida, tão cedo se tenha ciência disto. A senhora terá garantia de explicação sobre qualquer aspecto deste projeto de pesquisa quando julgar necessário.

Se a senhora estiver suficientemente esclarecida sobre esta pesquisa, seus objetivos, procedimentos, riscos e benefícios, convido-a a assinar este termo elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com a senhora e outra com o pesquisador.

#### **Dados sobre a Pesquisa:**

Título do Projeto: **A MULHER NO FUTEBOL: O CYBERBULLYING NO CONTEXTO DE GÊNERO**

Pesquisador Responsável: Renata de Andrade Teixeira

Instituição: Universidade Estadual Paulista- Julio de Mesquita Filho

Endereço: Avenida 24 A, 1515 CEP 13506-900 Rio Claro-SP

Dados para Contato: fone (37) 9113 6225 e-mail: renatandradet@hotmail.com

Orientador :Carlos José Martins

Instituição: Universidade Estadual Paulista- Julio de Mesquita Filho

Endereço: Avenida 24 A, 1515 CEP 13506-900 Rio Claro-

Dados para Contato: fone (19) 3526 9600 e-mail: carlosjmartins@hotmail.com

**Dados sobre o sujeito da Pesquisa:**

Nome: \_\_\_\_\_

Documento de Identidade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefone para contato: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do participante**

\_\_\_\_\_  
**Assinatura do pesquisador**

## ANEXO B- QUESTIONÁRIO

## QUESTIONÁRIO

- 1- Há quanto tempo você pratica futebol?
- 2- Você acha que existe algum tipo de preconceito referente às mulheres que praticam essa modalidade esportiva?
- 3- Você já sofreu, alguma vez, algum tipo de preconceito por praticar futebol?
- 4- Se sim, algum vez esse preconceito veio por meio da internet ou algum dispositivo tecnológico?
- 5- Você costuma postar fotos ou status sobre seus jogos ou treinos em suas redes sociais?
- 6- Se sim, alguma vez já recebeu algum comentário maldoso ou que você não tenha gostado de alguma forma em qualquer uma delas?
- 7- Se isso aconteceu, qual foi sua reação imediata?
- 8- Há algo mais que você gostaria de relatar?